



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

INVISIBILIDADE BISSEXUAL
A BISSEXUALIDADE FEMININA EM SÉRIES DE TELEVI-
SÃO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

AGNES GRAMA OSWALDINO

Rio de Janeiro

2022



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

INVISIBILIDADE BISSEXUAL
A BISSEXUALIDADE FEMININA EM SÉRIES DE TELEVI-
SÃO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para a obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo.

AGNES GRAMA OSWALDINO

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Gabriel De Marchi

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

086i Oswaldino, Agnes Grama
Invisibilidade bissexual: A bissexualidade feminina em séries de televisão nas duas primeiras décadas do século XXI / Agnes Grama Oswaldino. -- Rio de Janeiro, 2022. -- 55 f.

Orientador: Leonardo Gabriel De Marchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2022.

1. bissexualidade feminina. 2. estigmas. 3. séries televisivas. 4. representatividade LGBT. 5. representação nos meios de comunicação. I. De Marchi, Leonardo Gabriel, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Invisibilidade bissexual: A bissexualidade feminina em séries de televisão nas duas primeiras décadas do século XXI**, elaborada por Agnes Grama Oswaldino.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 26/07/2022

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Gabriel De Marchi
Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), UFRJ
Departamento de Fundamentos



Prof. Luanda Dias Schramm
Doutora em Ciência Política (UnB), UFRJ
Departamento de Fundamentos



Prof. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação (UFF), UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens (DEL)



Rio de Janeiro

2022

OSWALDINO, Agnes Grama. **Invisibilidade bissexual: A bissexualidade feminina em séries de televisão nas duas primeiras décadas do século XXI**. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Gabriel De Marchi. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivos analisar a representação bissexual feminina em produtos audiovisuais a fim de verificar a ocorrência ou não de estigmas associados à bissexualidade, como invisibilização e desvalidação. Como método, buscou-se analisar as narrativas das séries televisivas *Sex and the City* e *Skins*, ao longo de diversas temporadas. A partir da análise do conteúdo das séries, percebeu-se a repetição de certos traços de representação da bissexualidade feminina que poderiam compor categorias como: ausência do uso da nomenclatura “bissexual”, ocorrência de triângulos amorosos e traições, incapacidade de bissexuais em se comprometerem romanticamente, perda de apoio social, ausência de demonstrações de afeto e hiperssexualização. Conclui-se que narrativas midiáticas têm papel importante na construção da identidade bissexual, podendo corroborar com estigmas que culminam em piores desfechos de saúde mental em mulheres bissexuais

Palavras-chave: bissexualidade feminina; estigmas; séries televisivas; representatividade LGBT; representação nos meios de comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. BISSEXUALIDADE E REPRESENTATIVIDADE NA MÍDIA.....	12
2.1 Bissexualidade: definição e breve histórico.....	12
2.2 Bifobia, estereótipos e estigmas acerca da bissexualidade feminina.....	14
2.3 Representação, representatividade e visibilidade.....	17
3. REPRESENTAÇÃO DA BISSEXUALIDADE EM SEX AND THE CITY E SKINS..	27
3.1 Ausência de rotulação.....	29
3.2 Presença de triângulos amorosos ou traições.....	33
3.3 Incapacidade de se comprometerem romanticamente.....	36
3.4 Perda de apoio social.....	38
3.5 Ausência de demonstrações de afeto x hiperssexualização.....	41
4. CONCLUSÃO.....	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS

LGB: Sigla usada para se referir apenas às minorias sexuais compreendidas por lésbicas, gays e bissexuais. Essa sigla não é utilizada como uma forma de apagar a identidade trans, mas sim como uma forma mais acurada da sigla quando o intuito é tratar apenas das minorias sexuais e não das de gênero, já que sexualidade e gênero são conceitos distintos.

LGBT: Sigla usada para se referir à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

1 INTRODUÇÃO

Mulheres bissexuais reportam maior comprometimento na saúde mental e física, assim como apresentam maior vulnerabilidade à violência doméstica quando comparadas a mulheres que se identificam com outras sexualidades (EISNER, 2013). Isso significa que essas mulheres têm maior propensão à depressão, ansiedade, além de ter seu bem-estar físico e psicológico prejudicados. O sexismo, o monossexismo e a bifobia podem ser a origem de tais desfechos, uma vez que a disseminação de estigmas referentes à bissexualidade pode impactar no autoconceito de pessoas bissexuais e em seus índices de apoio social. A televisão, enquanto meio de comunicação de massa mais assistido, tem grande poder de disseminar estigmas relacionados a pessoas bissexuais (COREY, 2017; JOYRICH, 2014). Há, portanto, uma grande responsabilidade atrelada à representatividade bissexual veiculada por este meio.

Processos de estigmatização¹ estão associados ao desenvolvimento de autoconceito negativo ao longo da vida de pessoas bissexuais (PACHANKIS, 2014). Considerando os altos índices de transtornos de humor e de ansiedade e as grandes taxas de suicídio na população bissexual, entende-se a importância do presente estudo no que concerne à compreensão do papel da mídia na disseminação de estigmas negativos referentes à bissexualidade (PACHANKIS *et al.*, 2015). Ademais, o assunto recebeu, até o momento, atenção limitada por parte da comunidade acadêmica (MAGRATH, 2017). Considera-se a relevância do assunto para o processo criativo ético, que não dissemine estigmas baseados na bifobia e que permita a construção de imagens positivas de personagens bissexuais, de forma a representar a bissexualidade como o que ela é: uma expressão possível da sexualidade humana (CHOI; ISRAEL, 2019). Tal representação é fundamental para a promoção de qualidade de vida neste grupo minoritário (MARTELL; SAFREN; PRINCE, 2004).

Pessoas bissexuais apresentam maiores prejuízos quanto à saúde se comparadas às demais orientações sexuais, como por exemplo uma maior chance de sofrerem depressão ou outros transtornos de ansiedade e humor (SAN FRANCISCO HUMAN RIGHTS COMMISSION LGBT ADVISORY COMMITTEE, 2011). Há, ainda, uma maior taxa de ideação suicida entre mulheres bissexuais do que entre mulheres lésbicas e heterossexuais (SHEARER

¹ A estigmatização pode ser definida como um processo de criação e disseminação de estigmas (STUBER; MEYER; LINK, 2008). Estigma, por sua vez, pode ser definido como algo que associa uma pessoa a um estereótipo indesejável, que diminui o indivíduo estigmatizado (GOFFMAN, 1963, apud STUBER; MEYER; LINK, 2008).

et al., 2016). É também importante ressaltar que a dificuldade em acessar cuidados específicos poderia justificar os piores índices de saúde entre essa população. Taxas altas em piores desfechos de saúde mental em pessoas bissexuais podem ser decorrentes de uma maior dificuldade de estabelecer relações que apresentem apoio social, visto que, além de sofrer estigmatização e discriminação advinda de pessoas heterossexuais, indivíduos bissexuais podem experimentar dificuldade na formação de vínculos com *gays* e *lésbicas* (KERTZNER; MEYER; FROST, 2009).

A televisão tende a oferecer uma visão estereotipada e engessada da existência humana em sociedade. Sendo assim, a mídia figura como propagadora de estereótipos e pré concepções, reforçando perante a sociedade ideais tidos como normativos e estigmatizando aqueles que considera desviantes na norma por ela estabelecida. Desse modo, é possível compreender que a televisão exerce um papel de manutenção do status quo ao estigmatizar minorias sociais, como as minorias sexuais.

Nesta pesquisa, analisa-se a representação de personagens bissexuais em duas séries de televisão que abordam a temática bissexual ao longo de seus episódios a fim de verificar a ocorrência de estereótipos e estigmas associados à bissexualidade nas séries, como invisibilização e desvalidação de identidades bissexuais. As séries escolhidas foram *Sex and the City* (1998-2004) e *Skins* (2007-2013). A escolha das séries se deu a partir de uma amostra conveniente de mídias, tendo como base o nível de alcance e conhecimento geral sobre as séries selecionadas. O conteúdo das séries foi assistido em sua totalidade e classificado a partir de categorias pré-estabelecidas referentes aos processos de estigmatização da bissexualidade e de bifobia. Ademais, o conteúdo a ser analisado compreende um recorte temporal específico em ambas as séries, delimitado no terceiro capítulo.

Qualquer indivíduo que tenha contato frequente com a mídia, como a televisão, vê a mesma perspectiva distorcida da realidade (VALKENBURG; PIOTROWSKI, 2017). Assim, o indivíduo exposto à mídia que propague estigmas relacionados à bissexualidade pode ser negativamente afetado por ela. Por estarem na fase de formação identitária, todo conteúdo absorvido pelo jovem é relevante para a construção do senso de *self* (PACHANKIS, 2014). De acordo com uma análise realizada por Gates (2011) nos Estados Unidos, os adultos os adultos respondentes foram mais propensos a se identificarem como bissexuais do que *lésbicas* ou *gays*. No Reino Unido, por sua vez, um levantamento conduzido em 2019 pelo Instituto Nacional de Estatísticas Britânico (*Office for National Statistics*) apontou que o número de britânicos que se identificam como bissexuais foi maior que o dobro do registrado

em 2014, ano em que o órgão começou a coletar dados sobre bissexualidade, além de ter um número maior de mulheres bissexuais (1,4%) do que mulheres lésbicas (1,1%) (ONS, 2019). As culturas dos Estados Unidos e do Reino Unido, regidas por normas heterossexistas e atitudes monossexistas, apagam a identidade bissexual nesses países (ANDERSON; MCCORMACK, 2016). Assim, analisar uma mídia que tem grande papel na juventude brasileira faz-se relevante, uma vez que por meio dessa análise pode-se observar como ocorre essa representatividade e compreender seus impactos no entendimento social e individual do que é a bissexualidade. Ademais, a análise de séries que não sejam brasileiras pode se justificar pelo fato de não existirem dados oficiais confiáveis sobre a população LGBT como um todo, sobretudo desde 2019. Os poucos dados aos quais é possível ter acesso são elaborados por ONGs e, de modo geral, voltados a pequenas porções do território nacional, e não do Brasil como um todo, dificultando a realização de análises mais profundas e embasadas.

Mulheres são mais comumente retratadas como bissexuais em mídias do que homens (JOHNSON, 2016), o que justifica a escolha de analisar a representação bissexual feminina e não a masculina. A exemplo disso um levantamento conduzido pela GLAAD (2019) apontou que nas séries que foram ao ar nos EUA entre 1 de junho de 2018 e 31 de maio de 2019, personagens mulheres bissexuais somaram 84, contra 33 homens bissexuais. Ademais, a bissexualidade é entendida dentro e fora do movimento LGBT como uma sexualidade de segunda classe, sendo assim sub representada de modo geral.

O presente trabalho busca observar como a mídia retrata mulheres bissexuais e de que forma tal representação dissemina e constrói estigmas relacionados à bissexualidade feminina. Isto pode ser importante pois é fundamental compreender a relação entre os estigmas propagados pela mídia e o modo como mulheres bissexuais absorvem esses estigmas e os articulam a respeito de sua autoimagem, desenvolvendo cognições distorcidas a respeito de si (PACHANKIS, 2014).

O segundo capítulo do presente trabalho trata sobre a bissexualidade e representatividade na mídia, abordando a definição da bissexualidade enquanto plurissexualidade, e que apresenta-se como a orientação sexual mais comum com exceção da heterossexual. Além disso é abordada a existência de uma defasagem numérica quantos aos estudos sobre a bissexualidade, ainda que esta seja a sexualidade não-heterossexual mais prevalente em populações como a estadunidense e britânica, como é o caso das séries analisadas neste estudo. Em seguida é apresentada a definição do tipo de discriminação sofrida por pessoas bissexuais, a bifobia, e de que forma esse preconceito impacta a vida das mulheres bissexuais, grupo

selecionado como objeto de análise no presente estudo. O apagamento bissexual visto na academia estende-se à representação e representatividade na mídia, que além de escassa é estigmatizante. Desse modo, é apresentado um breve histórico de personagens bissexuais na mídia e de que forma essa representatividade se deu ao longo dos anos. Além disso, o capítulo trata sobre como a mídia apresenta a bissexualidade feminina ao público, lançando mão de conceitos específicos ao contexto feminino, como por exemplo o *male gaze*, e seus consequentes impactos. É abordado, ainda, de que modo a mídia impacta a vida de pessoas bissexuais através de sua representação (seja ela boa, má ou mesmo ausente), e como a mídia tem o potencial de ser um meio de ampla importância ao assumir um papel de mediadora da descoberta da orientação sexual de muitos jovens.

É importante ressaltar que de modo a facilitar o entendimento, a nomenclatura “bissexual” será usada no presente estudo como termo guarda-chuva para referir-se a todas as identidades plurissexuais, como, por exemplo, a pansexual (COREY, 2017). Faz-se relevante salientar que essa não é, em absoluto, uma suposição que todas as identidades plurissexuais podem ser classificadas como “bissexual” (COREY, 2017). A utilização apenas do termo “bissexual” dá-se pelo fato de a bissexualidade ser a identidade plurissexual mais conhecida, sendo assim, é a mais facilmente identificável (COREY, 2017). Ademais, o termo LGBT também será usado como termo guarda-chuva por referir-se à comunidade na qual indivíduos bissexuais estão inseridos e por muitos estudos tratarem da comunidade como um todo e não de forma separada. O presente estudo, no entanto, propõe-se a oferecer uma análise complexa apenas da bissexualidade, sobretudo a feminina.

2 BISSEXUALIDADE E REPRESENTATIVIDADE NA MÍDIA

2.1 Bissexualidade: definição e breve histórico

A bissexualidade pode ser definida como “potencial de atração romântica e/ou sexual por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente do mesmo jeito, e não necessariamente no mesmo grau” (OCHS, 2005, p. 8, tradução nossa²). Ou seja, é possível se identificar como bissexual e se atrair romanticamente por apenas um sexo e/ou gênero e sexualmente por mais de um, ou o contrário. Isso significa que para ser bissexual não é necessário se interessar da mesma forma por mais de um gênero; tampouco quer dizer que é preciso que os interesses por mais de um gênero sejam simultâneos. A bissexualidade é a orientação sexual mais comum entre as minorias sexuais, uma vez que bissexuais existem em maior número do que lésbicas e gays no que se refere a atração, comportamento e identidade (PEW RESEARCH CENTER, 2013). Desta forma, pessoas bissexuais podem ser categorizadas enquanto plurissexuais, ou seja, atraem-se por mais de um sexo e/ou gênero. Em contrapartida, heterossexuais, lésbicas e gays podem ser chamados de monossexuais, pois atraem-se por apenas um sexo e/ou gênero. Entende-se por monossexismo a ideia de que orientações nas quais as pessoas se atraem por um único gênero (heterossexuais, lésbicas e gays) são mais válidas do que aquelas que se abrem por mais de um gênero (FLANDERS; DOBINSON; LOGIE, 2015).

O termo e o conceito de bissexualidade têm sua origem apontada entre o fim do século XIX e o início do século XX. Esse período abrange o estabelecimento de uma tipificação do meio social à sua volta, notadamente quanto a temas como sexualidade e desejo, realizada por homens, sobretudo europeus, tendo entre seus objetivos patologizar aquilo que lhes soava desviante (EISNER, 2013).

A bissexualidade é uma sexualidade historicamente deslegitimada, tendo sido pouco abordada quando em comparação com heterossexualidade, homossexualidade e lesbianidade. Nas vezes em que a bissexualidade é mencionada, é usualmente de modo a deslegitimá-la. A exemplo disso, Freud parece retratar a bissexualidade como um conceito abstrato a partir do qual a heterossexualidade, tida como a opção considerada “normal”, e a homossexualidade, por sua vez encarada como “patológica”, se desenvolveriam (EISNER, 2013).

² No original: “the potential to be attracted — romantically and/or sexually — to people of more than one sex and/or gender, not necessarily at the same time, not necessarily in the same way, and not necessarily to the same degree”

De acordo com Freud, a criança (masculina) nasce bissexual, desejando tanto sua mãe quanto seu pai, superando e reprimindo seu desejo bissexual através do processo edípico. O sucesso nesse processo deixaria a criança heterossexual (leia-se: “saudável”), enquanto o fracasso tornaria a criança homossexual (leia-se: “doente”). A bissexualidade, por si só, deixa de ser uma opção para a criança e é relegada a um passado psicológico “primitivo”. Na teoria de Freud, então, a bissexualidade não pode ser pensada como uma orientação sexual (como heterossexualidade ou homossexualidade), mas apenas a base reprimida para o desenvolvimento de outras sexualidades (EISNER, 2013 p. 25, tradução nossa.³)

Pessoas bissexuais, portanto, acabaram a serviço de pesquisas e teorias com objetivos sobre os quais não podiam ter nenhum tipo de controle ou posicionamento que pudesse ser levada em consideração, e que não visava os interesses e benefícios desses indivíduos. Desse modo é possível afirmar que houve primordialmente uma análise da bissexualidade por meio de indivíduos e instituições que compunham uma potência hegemônica. Essa análise, que tinha como objetivo não só a classificação da sexualidade, mas também sua patologização, foi posteriormente cooptada pelo movimento bissexual, de modo a ressignificá-la. Assim, surge um movimento bissexual, em certo grau, organizado, com o objetivo de se apropriar do termo e da identidade bissexual, bem como o conceito de bissexualidade, visando reverter a narrativa e beneficiar a população bissexual (EISNER, 2013).

No contexto estadunidense, nas décadas de 1950 e 1960 indivíduos bissexuais integravam os movimentos gay e lésbico, uma vez que, à época, a bissexualidade era encarada como uma subdivisão da homossexualidade. Assim, é bastante claro o modo como indivíduos bissexuais eram vítimas de um pensamento bifóbico, que por sua vez visava o apagamento das especificidades da bissexualidade mesmo dentro do movimento e das comunidades gay e lésbica. Após o estabelecimento dos movimentos gay e lésbico, houve um ganho de espaço político suficiente para o estabelecimento de um movimento bissexual separado dos demais. Já nas décadas de 1970 e 1990, houve uma reivindicação da bissexualidade enquanto identidade e objeto de pesquisa pelo movimento bissexual, de modo a validar essa identidade. Houve uma mudança na definição de bissexualidade entre as décadas de 1990 e

³ According to Freud, the (male) child is born bisexual, desiring both his mother and his father, overcoming and repressing his bisexual desire through the oedipal process. Success in this process would leave the child heterosexual (read: “healthy”), while failure would make the child homosexual (read: “sick”). Bisexuality, in itself, ceases to be an option for the child, and is relegated to a “primitive” psychological past. In Freud’s theory, then, bisexuality can’t be thought of as a sexual orientation (such as hetero or homosexuality), but only the repressed basis for the development of other sexualities.”

2000, de modo a ser mais inclusiva com identidades não-binárias, que eram apagadas até então (EISNER, 2013).

2.2 Bifobia, estereótipos e estigmas acerca da bissexualidade feminina

Preliminarmente faz-se necessário pontuar que há uma limitação no estudo da população bissexual. De modo geral, estudos sobre discriminação com base em orientação sexual tratam geralmente sobre a população LGBT como um todo ou sobre homens gays e/ou mulheres lésbicas (MATSUDA; ROUSE; MILLER-PERRIN, 2014). A bissexualidade é raramente separada da homossexualidade, apesar dos conceitos de homofobia e bifobia serem distintos e particulares (ARNDT; BRUIN, 2011). Portanto, os dados sobre a população bissexual são mais escassos e menos acessíveis. Alguns dos dados usados nesta pesquisa tratam LGBTs como um todo e não como populações diversas de forma separada.

O apagamento bissexual e a invisibilização são alimentados pela hegemonia de sexualidades monossexuais. Esse apagamento ocorre nas culturas dos Estados Unidos e do Reino Unido alimentado por normas heterossexistas e atitudes monossexistas (ANDERSON; MCCORMACK, 2016). A bissexualidade, enquanto plurissexualidade, é vista como ilegítima e relegada a estereótipos de indecisão, confusão, promiscuidade e medo de comprometimento (ROBERTS; HORNE; HOYT, 2015; SAN FILIPPO, 2013). Indivíduos que se identificam como bissexuais não são considerados parceiros apropriados para integrar relacionamentos estáveis ou casamento (BRENO; GALUPO, 2008). Não é raro que a bissexualidade seja encarada como apenas uma fase, ou mesmo como um caso de homofobia internalizada, que, em teoria, levaria os indivíduos que se indentificam como bissexuais a uma recusa em identificar-se como lésbicas ou gays (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). No entanto, é necessário entender que indivíduos bissexuais não perdem sua sexualidade automaticamente para então “se tornarem” lésbicas ou gays a depender do gênero de seus parceiros atuais uma vez que tenham relacionamentos de longa data. O entendimento de que a bissexualidade existe enquanto uma sexualidade que abarca um desejo simultâneo por mulheres e homens acaba sendo negado (RICHTER, 2011). Bissexuais são invisibilizados até mesmo dentro dos movimentos políticos que envolvem pautas sobre direitos LGBT, como o movimento por direito de casamento entre pessoas do mesmo sexo (HACKL; BOYER; GALUPO, 2012). Até pouco tempo atrás o termo “bissexual” não era encarado como válido, deslegitimando a sexualidade daqueles que assim se identificavam (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Há uma percepção de que a bissexualidade parece estar presente em todos

os lugares e ao mesmo tempo em nenhum lugar, visto que ela é encarada como uma fase, um experimento em potencial para todos e que tende a eventualmente se dissipar uma vez que uma suposta maturidade sexual é alcançada, dando lugar à monossexualidade (RICHTER, 2011)

Por serem vistos como indivíduos com uma sexualidade ilegítima, bissexuais frequentemente sofrem preconceito, chamado de bifobia (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2019). A invisibilização bissexual pode ser definida como uma inclinação inconsciente para definir indivíduos como atraídos exclusivamente pelo mesmo ou por outro sexo, bem como a negação explícita da existência da bissexualidade (BOSTWICK; HEQUEMBOURG, 2014). A bifobia pode ser definida como uma discriminação própria à população bissexual, podendo partir tanto de heterossexuais quanto de gays e lésbicas por meio de invisibilização, percepção de baixa capacidade de lealdade como parceiros românticos e amigos, deslegitimação da bissexualidade enquanto uma expressão possível da sexualidade humana e suposições de desvio de sua sexualidade (MATSUDA; ROUSE; MILLER-PERRIN, 2014; WANDREY; MOSACK; MOORE, 2015). Além disso, o sexismo pauta a experiência bissexual feminina, uma vez que mulheres que apresentam um grau semelhante de atividade sexual ao de homens são vistas de forma significativamente mais negativa do que eles (FLANDERS, 2015).

A ocorrência de atitude negativa advinda de mulheres lésbicas e homens gays em relação ao conceito de bissexualidade e a indivíduos bissexuais são indicativos de uma significativa diferença entre homofobia e bifobia. O conceito de atitude pode ser definido como “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto” (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2020, p.161). Por conta do processo de invisibilização, a bissexualidade é frequentemente interpretada como fruto de uma indecisão ou um processo de mudança da heterossexualidade para a homossexualidade, podendo ser interpretada como algo transicional. Desta forma, indivíduos bissexuais podem sofrer discriminação por pessoas heterossexuais bem como pela comunidade de gays e lésbicas (KERTZNER; MEYER; FROST, 2009). Este processo discriminatório pode, ainda, impactar negativamente o autoconceito de indivíduos bissexuais, contribuindo para o aumento dos índices de bifobia internalizada, assim como de sentimentos negativos de si mesmos (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2019). Sendo assim, a bifobia não

deve ser interpretada como uma variação da homofobia e por poder partir de grupos heterossexuais e homossexuais, é considerada uma *dupla discriminação* (MATSUDA; ROUSE; MILLER-PERRIN, 2014; RUST, 1995). A *dupla discriminação* faz com que indivíduos bissexuais se percebam como existentes em dois universos distintos, o homossexual e o heterossexual, sem que se encaixem completamente em nenhum deles, dotando-os de um sentimento de falta de identidade (SHUSTER, 1991). Um estudo conduzido por Hayfield, Clarke e Halliwell (2014) demonstrou que mulheres bissexuais não sentem que se encaixam na sociedade geral, tampouco em grupos sexuais minoritários, uma vez que têm como experiência a categorização de sua sexualidade por mulheres lésbicas como hiper sexuais e indecisas. O conceito de dupla discriminação não é geralmente reconhecido perante a comunidade heterossexual ou homossexual (ARNDT; BRUIN, 2011). A dupla discriminação, não obstante, é uma opressão real que exerce efeitos negativos sobre indivíduos bissexuais (FIRESTEIN, 1996). A pesquisa de Arndt e Bruin (2011), que teve como intuito medir a ocorrência de atitudes preconceituosas direcionadas a indivíduos bissexuais no ambiente universitário sul-africano, sugere que os participantes que se identificavam como homossexuais ou heterossexuais demonstraram ter atitudes preconceituosas dirigidas a pessoas bissexuais.

Um claro exemplo da dupla discriminação e consequente invisibilização sofrida pela população bissexual pode ser vista no próprio conceito da teoria *queer*. A teoria, que tem como base teóricos como Foucault e Butler, apresenta como propósito examinar e contestar as várias formas nas quais a heteronormatividade se apresenta na sociedade sem ser por ela desafiada (CALLIS, 2009). Apesar de ter como objetivo, em última análise, desafiar a heteronormatividade, a teoria *queer* ignora a bissexualidade ao não mencionar o termo específico, isolando os indivíduos bissexuais mesmo em núcleos destinados à população *queer* (COREY, 2017).

Bissexuais experienciam consequências negativas diferentes daquelas vividas por minorias sexuais de cunho monossexual, como, por exemplo, maiores níveis de perturbação do humor e angústia após assumirem a bissexualidade (DOBINSON *et al.*, 2015). A população bissexual enfrenta, ainda, complicações específicas ao sair do armário que levam a uma tendência a ocultar sua orientação sexual ou oscilar em se identificar publicamente como heterossexuais ou lésbicas/gays como uma forma de evitar preconceito (MOHR; JACKSON; SHEETS, 2016). Para indivíduos bissexuais sair do armário é muitas vezes uma experiência bastante diferente daquela que indivíduos que se identificam como gays ou lésbicas têm, uma vez que se assumir bissexual é visto como um ato temporário que deve ser repetido

indefinidamente ao longo da vida (RICHTER, 2011). Isso se deve a uma constante imposição em demonstrar a sexualidade, uma vez que a bissexualidade se reafirma perante a sociedade por meio da repetição (RICHTER, 2011). De acordo com Eisner (2013) indivíduos bissexuais apresentam maior prejuízo quanto à saúde física e mental, além de ser mais vulneráveis à violência doméstica:

Bissexuais relatam taxas mais altas de hipertensão, saúde física ruim ou mediana, tabagismo e consumo alcóolico de risco do que heterossexuais ou lésbicas/gays. Muitas, se não a maioria, das pessoas bissexuais não explicitam sua sexualidade para profissionais de saúde. Isso significa que eles estão obtendo informações incompletas (por exemplo, sobre práticas sexuais mais seguras). Mulheres bissexuais em relacionamento com parceiros monossexuais têm um aumento na taxa de violência doméstica em comparação com mulheres em outras categorias demográficas. As mulheres bissexuais apresentaram taxas significativamente mais altas de problemas de saúde geral e sofrimento mental frequente, mesmo após o controle de variáveis confusas (EISNER, 2013 p.83-84, tradução nossa.⁴)

Indivíduos bissexuais frequentemente têm sua identidade invalidada representada, por exemplo, por amigas lésbicas e amigos gays encorajando-os a identificar-se como lésbicas ou gays e, em contrapartida, amigos heterossexuais os coagindo a se resignar aos padrões heterossexuais (WEBER, 2008). Uma pesquisa realizada por Ajzen e Fishbein (1975) sugere que experiências de discriminação, antagonismo e invalidação podem ocorrer ao identificar-se como bissexual perante a comunidade estudantil heterossexual ou homossexual. Este grupo está sujeito, ainda, a baixo índice de apoio social, maior índice de eventos adversos durante a vida, menor índice de apoio familiar, piores índices de saúde mental, maiores índices de apoio negativo advindo de amigos e maiores problemas financeiros se comparados às demais orientações sexuais (JORM *et al.*, 2002). Uma pesquisa realizada por Mohr e Rochlen (1999) apontou que 32% dos participantes que se identificavam como gays ou lésbicas afirmaram que não se envolveriam romanticamente com bissexuais por acreditarem que pessoas bissexuais são instáveis e confusas.

2.3 Representação, representatividade e visibilidade

O estigma relacionado a pessoas bissexuais está difundido também pela mídia (COREY, 2017). Neste sentido, entende-se a televisão como uma mídia crucial, por se tratar da

⁴ No original: “Bisexuals report higher rates of hypertension, poor or fair physical health, smoking, and risky drinking than heterosexuals or lesbians/gays. Many, if not most, bisexual people don’t come out to their healthcare providers. This means they are getting incomplete information (for example, about safer sex practices). Bisexual women in relationship with monosexual partners have an increased rate of domestic violence compared to women in other demographic categories. Bisexual women showed significantly higher rates of poor general health and frequent mental distress, even after controlling for confounding variables.”

forma mais popular de entretenimento. A televisão configura-se como o meio mais assistido e por períodos mais longos do que qualquer outro meio de entretenimento, mesmo que isso ocorra por meio de diferentes telas (JOYRICH, 2014). Dessa forma, enquanto meio de comunicação tradicional, a televisão tende a reproduzir ideologias dominantes, sendo essas objeto de trabalho de estudos focados na televisão (JOYRICH, 2014). Portanto, por meio de sua visualização segmentada e desenvolvimento prolongado da história, a televisão configura-se como meio mais viável para análise da representação de personagens bissexuais (COREY, 2017). A mídia, bem como a comunidade de gays e lésbicas, constantemente enxerga a bissexualidade como algo a ser observado por ser diferente, algo espetacularizado (RICHTER, 2011).

Durante décadas, personagens LGBT foram marginalizados e muitas vezes vistos como motivo de piadas e alvos de construções de estereótipos negativos pela grande mídia, a exemplo de filmes e séries (DESCHAMPS; SINGER, 2017). Apesar do primeiro personagem gay recorrente em séries ter aparecido em 1972, o cenário só começou a mudar nos EUA de forma mais expressiva com a exibição de *Will & Grace* (1998-2006/2017-2020), quando a série se tornou o sitcom mais bem avaliado entre a população de 18 a 49 anos (2001-2005), mudando a percepção da população sobre indivíduos LGBT (DESCHAMPS; SINGER, 2017). Entre o primeiro personagem gay em séries e a primeira personagem bissexual passaram-se 18 anos, apesar de bissexuais serem a maior parcela da população LGBT nos EUA (DESCHAMPS; SINGER, 2017; PEW RESEARCH CENTER, 2013). Cara Jean “C.J.” Lamb (Amanda Donohoe) foi a personagem dona desse marco através da série *L.A. Law* (1986-1994), como primeira personagem bissexual recorrente em horário nobre, participando do primeiro beijo envolvendo duas personagens do sexo feminino nesse horário (DESCHAMPS; SINGER, 2017). A personagem participou da quinta e sexta temporadas (1990-1992). Somente após vinte e quatro anos, a primeira personagem principal que se identifica como bissexual apareceu nas telas como Clarke Griffin (Eliza Taylor) na série *The 100* (2014-2020) (DESCHAMPS; SINGER, 2017). Um levantamento realizado pela GLAAD (2019), analisou todas as séries veiculadas no país entre 2018 e 2019 e apontou que os personagens gays somavam 176, sendo os mais representados dentro do grupo LGBT, contra 117 personagens bissexuais. De acordo com os dados da GLAAD é possível perceber que personagens bissexuais são não priorizados na mídia, ainda que bissexuais sejam maioria entre os estadunidenses não-heterossexuais.

Dessa forma, é possível afirmar que as identidades bissexuais são demasiado sub-representadas na televisão (COREY, 2017). Essa falta de representação se dá pela ausência de personagens com essa sexualidade, mas não somente por esse meio. Uma das formas de sub-representação utilizadas pelas mídias veiculadas na televisão, como as séries, é a ausência do uso da nomenclatura “bissexual” (COREY, 2017). É possível afirmar, então, que a bissexualidade é, de modo geral, construída em séries e filmes a partir de uma ausência, visto que personagens que demonstram comportamento bissexual raramente são assim nomeados (SAN FILIPPO, 2013). Exemplos dessa ausência são encontrados nos filmes *Chasing Amy*, *Blue Velvet*, *Mulholland Drive* e *Bound*, que embora tenham personagens bissexuais no centro de suas narrativas, a palavra bissexual nunca é usada para definir a sexualidade desses personagens (RICHTER, 2011). Quando há uma tentativa de definir a sexualidade do personagem, ela é geralmente feita de modo a identificá-los como gays ou lésbicas (SAN FILIPPO, 2007). O uso da nomenclatura apresenta relevância ao doar credibilidade a essa identidade sexual, característica que junto à validação faz-se essencial ao discutir grupos minoritários (COREY, 2017). O apagamento na mídia sofrido por indivíduos bissexuais pode contribuir para uma piora significativa na saúde mental desse grupo por afastá-los de uma representação positiva (DE BARROS, 2020). Ademais, personagens bissexuais não tendem a ter grande destaque nas mídias, além de terem sua sexualidade pouco explorada ou carregada de estereótipos.

Entende-se que pode haver um impacto explícito e/ou subliminar na sociedade advindo de programas de televisão, filmes, celebridades, programas de notícias, música, revistas, livros, blogs online e veículos de mídia social (BARTLETT, 2018). Ademais, a forma como os indivíduos são socializados e comunicam uma ampla gama de atitudes culturais, crenças e ideias culturais foi diretamente impactada por conta do consumo massivo de mídia no século 21 (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). A falta escolha da mídia ao não nomear personagens bissexuais como tais pode dar fôlego à narrativa de que apenas existem identidades sexuais não pluri-sexuais, como a homossexualidade e a heterossexualidade (COREY, 2017). Essa falácia além de corroborar com a ideia de que bissexuais não existem, também dá fôlego a narrativas bifóbicas. Assim, a mídia, por meio de sua credibilidade, pode dar força e legitimação ao conceito de que a identidade sexual de um indivíduo pode ser definida única e exclusivamente por meio de sua atividade sexual atual (COREY, 2017). A partir desse discurso, a mídia afirma que as pessoas bissexuais na verdade alternam entre heterossexuais e homossexuais ao invés de retratá-los mantendo uma identidade bissexual,

já que a orientação sexual é algo que não depende unicamente da composição atual dos relacionamentos românticos ou sexuais de um indivíduo (COREY, 2017). Fomentar esse discurso acaba contribuindo para a ideia de que indivíduos bissexuais são, por definição, pessoas promíscuas, o que na realidade é um pensamento que pode ser encarado como bifobia. Ou seja, o discurso da mídia em afirmar que uma pessoa bissexual na verdade oscila em sua sexualidade dependendo do gênero com o qual está se relacionando no momento tem raízes bifóbicas e preconceituosas e acaba por fomentar o ódio e o preconceito por pessoas bissexuais. Tal fato pode ser explicado pelas teorias do cultivo e da identidade social, que apontam para a ideia de que, ao repetir estereótipos negativos sobre pessoas bissexuais através de personagens, a mídia alimenta uma opinião negativa ao público em geral sobre a bissexualidade (COREY, 2017).

A formação de identidade e o autorreconhecimento de pessoas LGBT vêm muitas vezes através da representação na mídia (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). A relevância da visibilidade de pessoas bissexuais pode ser ratificada através do conceito de aniquilação simbólica, que se caracteriza pela má, escassa, ausente representação e/ou um padrão específico de representações negativas de algum grupo social (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015; TUCHMAN, 2000). A teoria, inicialmente testada quanto ao apagamento de mulheres na mídia, sugere que este grupo minoritário pode sofrer com a invisibilidade política e social. Ao extrapolar esse conceito às minorias sexuais e de gênero os riscos de apagamento se agravam (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Mulheres se veem representadas em seus lares, no ambiente de trabalho, de estudo e comunidades que participam. Pessoas LGBT, por sua vez, são, majoritariamente, criadas por pessoas heterossexuais e provavelmente não encontrarão outros indivíduos LGBT em seus meios de convívio social primários (GROSS, 2001). Desta forma, a aniquilação simbólica pode levar indivíduos LGBT a crer na falácia que compõem uma seção de cidadãos de segunda classe e, ainda, corroborar com a ideia de que LGBTs não existem (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015).

A representação LGBT na mídia pode, então, ser classificada como relevante, visto que por muitas vezes esse é o primeiro contato que indivíduos têm com identidades LGBT. Essa representação e consequente visibilidade também pode servir como apoio para mobilização política que visam, por exemplo, a garantia de direitos dos indivíduos bissexuais (RICHTER, 2011). Ao contrário de pessoas que integram minorias como as raciais e religiosas, que normalmente convivem com pessoas que também fazem parte dessas minorias em suas comunidades ou ambiente familiar, pessoas LGBT tendem a não crescer em famílias

ou comunidades que compartilham sua identidade. O que ocorre, em geral, é uma descoberta tardia da sexualidade e/ou identidade de gênero, muitas vezes em situações adversas e sem apoio da família e dos amigos. Ainda que esses indivíduos disponham de uma rede de apoio, existe um estigma crônico associado a identidades LGBT (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015).

A partir do consumo frequente e regular de produtos midiáticos, como séries de televisão, há uma expectativa que os telespectadores tendam a alimentar convicções acerca de minorias sexuais que vão ao encontro daquelas apresentadas pela mídia (CALZO; WARD, 2009). Tais produtos podem ter efeito no subconsciente coletivo ao formar o modo como o mundo é visto, tornando-se parte do ponto de vista da população de um modo geral (JOHNSON, 2016). Partindo do princípio de que a mídia propaga estereótipos negativos acerca das minorias sexuais, expor regularmente os telespectadores a tais ideais pode torná-los menos receptivos e mais inclinados a tomar como verdadeiras representações desfavoráveis dessas minorias (GROSS, 1991). Sendo assim, é possível afirmar que a bissexualidade se apresenta como uma sexualidade ilegítima a partir da ótica da mídia (COREY, 2017). Posto que os espectadores tendem a perceber os ideais midiáticos como realidade, eles compram a visão da mídia sobre a bissexualidade (COREY, 2017). Assim, essa exposição reforça a ideia de que se atrair por mais de um gênero é um fenômeno intrinsecamente imoral, antinatural e/ou inválido (JOHNSON, 2016). Dessa forma é possível afirmar que o modo que a mídia utiliza para representar esses grupos não é neutro nem objetivo, sendo delineado para transmitir certos modelos ideológicos, dotando-os de poder (CRITICAL MEDIA PROJECT, 2019). Sendo a televisão um veículo midiático de amplo alcance, não apenas os indivíduos não-bissexuais são impactados pelo discurso midiático negativo acerca da bissexualidade, mas também aqueles que se identificam como bissexuais. Portanto, pessoas bissexuais que entendem como verdadeiros os estereótipos negativos propagados pela mídia acerca de sua sexualidade podem sofrer com bifobia internalizada (COREY, 2017).

Produtos midiáticos como filmes e séries de televisão estadunidenses exercem grande dominação no cenário mundial do entretenimento, na qual exercem grande poder, o que leva anunciantes e produtores a cativar o público jovem, que é facilmente sugestionável (DIAMOND, 2005). Dessa forma, é possível afirmar que esse é um público mais facilmente manipulável. A mídia faz com que os mesmos modelos de representação sejam exibidos de forma contínua, galgados em estereótipos definidos e convenções sociais conservadoras pré-

concebidas, que ao serem repetidos à exaustão são percebidos com familiaridade e naturalidade aos olhos do público (CRITICAL MEDIA PROJECT, 2019).

Portanto, é possível perceber que o modo como grupos minoritários, a exemplo da população LGBT, são representados na mídia afeta seu reconhecimento nos âmbitos social e político, além de afetar o valor que a sociedade os atribui (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Assim, é possível concluir que a visibilidade bissexual na mídia exerce sua importância de forma a legitimar essa existência, além de possibilitar uma validação política perante a sociedade (HEMMINGS, 1997). A ausência de representação LGBT na mídia pode levar a população em geral a crer que esses indivíduos sequer existem, o que pode ser um meio de deslegitimação da existência dessa população (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Oferecer visibilidade de qualidade é um importante primeiro passo para conscientizar a audiência de que a bissexualidade de fato existe (RICHTER, 2011). A visibilidade permite que o público que se identifica como bissexual se enxergue nos produtos midiáticos que consome e se suponha como membro de uma comunidade bissexual (RICHTER, 2011). De acordo com uma pesquisa conduzida por Johnson (2016), um melhor desfecho para indivíduos bissexuais, como autoaceitação e diminuição das experiências de bifobia, poderia ser alcançado por meio de uma representação bissexual positiva na mídia. Dessa forma pode-se afirmar que a representação e a representatividade adequadas da população LGBT na mídia são formas de poder, uma vez que legitimam a existência de indivíduos LGBT (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015).

A bissexualidade feminina é a mais comumente representada na mídia, mas não sem que essa representação se apresente a partir do ponto de vista masculino, o chamado “male gaze”, de forma a hiperssexualizar essas existências (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). O termo, cunhado por Laura Mulvey, tem como objetivo delinear o modo como diferentes formatos midiáticos tendem a colocar seus espectadores na perspectiva masculina heterossexual, portanto, objetificando as mulheres ali representadas (EISNER, 2013). Mulheres bissexuais retratadas em séries de televisão parecem oferecer um sentimento de mistério e emoção erótica (SAN FILIPPO, 2013). Personagens bissexuais são, então, vistas como objeto de excitação para a audiência masculina (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). A partir do “male gaze” o imaginário do que é ser uma mulher bissexual é construído de forma a apresentá-las como traiçoeiras e desonestas (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). A presença de mulheres lésbicas e bissexuais na mídia parece mais existir para ofe-

recer satisfação sexual ao homem, partindo do ponto de vista masculino, do que para realmente oferecer uma representação de qualidade das possíveis expressões da sexualidade feminina (OSWALD; MATSICK, 2020). Esse fato corrobora com um comportamento comum entre mulheres heterossexuais, especialmente durante a universidade, que consiste em beijar outras mulheres em público (chamada de bissexualidade performativa ou performatividade do mesmo sexo) como forma de excitar os homens presentes ou para demonstrar que estão sexualmente disponíveis e assim despertar o interesse masculino (FAHS, 2009; YOST; MCCARTHY, 2011; HERTLEIN; HARTWELL; MUNNS, 2016). Este evento é amplamente retratado em produtos midiáticos, como filmes, séries de televisão e pornografia (HERTLEIN; HARTWELL; MUNNS, 2016). De modo geral esse tipo de reprodução empenha-se em demonstrar que as participantes não se identificam como lésbicas de modo a não minar a fantasia do espectador masculino heterossexual (DIAMOND, 2005). Sendo assim, esse tipo de representação difunde a ideia de que a apresentação mais aceitável da sexualidade de mulheres que se relacionam com outras mulheres é a que excita e satisfaz o espectador masculino heterossexual ao mesmo tempo que assegura que essas mulheres seguem sexualmente disponíveis aos homens heterossexuais (DIAMOND, 2005). Ao se envolver em “bissexualidade performativa”, mulheres heterossexuais mantêm sua posição de privilégio garantida por se identificarem como heterossexuais, o que as protege e evita que sofram lesbofobia ou bifobia, como mulheres que se identificam como lésbicas ou bissexuais estão suscetíveis a sofrer ao apresentar o mesmo comportamento (OSWALD; MATSICK, 2020). Um estudo conduzido por Lannutti e Denes (2012) apontou que mulheres que beijam mulheres são mais facilmente lidas como heterossexuais do que lésbicas ou bissexuais. Esse fato dá fôlego à ideia que mulheres que se identificam como bissexuais estão “atuando”, roubando-as da legitimidade acerca que sua identidade sexual (ESTERLINE; GALUPO, 2013). Atribuir a sexualidade como uma mera escolha, nega a existência de um contexto sociopolítico no qual a heterossexualidade é um conceito compulsório, ou seja, é a norma na sociedade (DIAMOND, 2005; RICH, 1980). Mulheres lésbicas e bissexuais têm direitos iguais negados e são alvo de violência pelo simples fato de se negarem a atender à excitação masculina (OSWALD, 2020). Essa punição estrutural se dá pelo desafio à norma que a simples existência desse grupo impõe ao romper com a heterossexualidade compulsória (OSWALD, 2020).

A mídia, sobretudo a convencional, parece não permitir que seja veiculada em sua grade de programação a ideia de que a sexualidade feminina pode existir simplesmente para

o próprio prazer dessas mulheres, sem que seja necessário fazer referência ao olhar masculino (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Quando negam o olhar masculino, as representações da intimidade feminina geralmente apresentam o sexo entre mulheres como algo perigoso ou particularmente não erótico, além de categorizar relacionamentos entre mulheres como o prolongamento de uma amizade (ADKINS, 2008). *Sex and the City* e *Skins* foram criadas por homens, o que se relaciona com os dados que apontam que “mulheres representam 26% de criadores, diretores, escritores, produtores, produtores executivos, editores e diretores de fotografia trabalhando em TV aberta, a cabo e plataformas de *streaming*” (LAUZEN, 2016. p. 3, tradução nossa⁵). Dessa forma, não é difícil imaginar que as grandes decisões tomadas em diferentes formas de entretenimento são feitas por homens em benefício próprio, dando pouca ou nenhuma importância para a forma como essas escolhas podem afetar o modo como mulheres são vistas e como essas percepções podem auxiliar na manutenção de percepções misóginas (JOHNSON, 2016).

Personagens bissexuais são comumente retratados como promíscuos, pois essa é a forma que a mídia vem empregando com o objetivo de verificar de modo visual essa sexualidade: fazendo com que elas se relacionem sexualmente com homens e mulheres (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). De modo a não causar desconforto no espectador, a identidade bissexual é diminuída e as personagens, em sua maioria, são retratadas como mulheres que sentem algum nível de atração por outras mulheres, mas que preferem homens (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). É possível fazer um paralelo entre esse conceito e a performatividade do mesmo sexo, já que ela consiste em mulheres heterossexuais se beijando para satisfazer o olhar masculino, assim como nas séries as personagens bissexuais parecem existir para satisfazer os desejos masculinos através da exotificação e fetichização de sua bissexualidade e, por serem bissexuais, poderiam potencialmente estar disponíveis para se relacionarem com homens, que é o que tende a acontecer nas mídias. O problema aqui não é a preferência por homens, mas a forma rasa e simplória como essa identidade é construída e como essa preferência parece ser um padrão universal entre as mídias que representam mulheres bissexuais. A sexualidade dessas mulheres é, por muitas vezes, tratada como uma lesbianidade temporária, ou mesmo como bissexualidade propriamente dita, mas que mais parece um interesse secundário ao interesse amoroso real, que é sempre o masculino, como é o caso dos filmes *Showgirls* (1995) e *Kissing Jessica Stein* (2001) (KESSLER,

⁵ No Original: “women comprised 26% of creators, directors, writers, producers, executive producers, editors, and directors of photography working on broadcast network, cable, and streaming programs”

2011). Outro exemplo claro disso é visto na série *The L Word* (2004-2009), uma vez que pelo menos três personagens da série apresentam comportamento bissexual (Alice, Tina e Jenny) e ainda assim acabam por invalidar a identidade bissexual de alguma forma, seja não se rotulando como bissexual, negando a bissexualidade como um todo, ou vindo eventualmente ao longo da série a invalidar a identidade com a qual se identificava. Apesar de romper paradigmas enquanto uma série totalmente voltada aos relacionamentos entre mulheres, sendo a primeira série a ter um elenco quase que totalmente composto por mulheres lésbicas e bissexuais, *The L Word* peca bastante no quesito representatividade bissexual, uma vez que através de Alice, Tina e Jenny acaba invalidando a bissexualidade enquanto uma sexualidade legítima, passando uma ideia de que a bissexualidade configura-se como algo transitório e nunca permanente.

A má representação bissexual pode ser vista, por exemplo, na série *The Good Wife* (2009-2016). A personagem Kalinda Sharma, que é vista como exótica por ser indiana, tem sua bissexualidade tratada como uma forma de manipulação durante a série, uma vez que ela obtém informações ou favores através de relações sexuais. A personagem é vista como incapaz de ter relacionamentos reais e longevos (HILTON-MORROW; BATTLES, 2015). Quando personagens vividas por mulheres não brancas protagonizam um envolvimento lésbico ou bissexual, essas personagens frequentemente detêm significativos privilégios de classe, de modo a criar um exotismo que se apresenta como seguro e vendável aos homens brancos que assistem a mídia em questão, uma vez que esses programas desviam de assuntos como diferentes graus de poder ligados a diferentes raças, classes e gêneros (DIAMOND, 2005). O distanciamento de assuntos mais profundos, como racismo ou privilégios masculinos vêm como uma espécie de higienização, como se falar sobre sexualidade já fosse abordar temas sensíveis e minoritários demais, não restando espaço para tratar de outras questões. Há um aparente desaconselhamento em veicular uma história na qual figure uma personagem que acumule mais de uma minoria na grande mídia e quando essa regra é quebrada, questões políticas e psicológicas que envolvem fazer parte de mais de uma minoria não são abordadas, como se não existissem naquele microcosmo. Há um silenciamento e um apagamento dessas questões. É importante pôr em xeque esses padrões de representatividade que é, em geral, branca e rica ou, quando não branca, ainda assim em geral é rica. Algumas das personagens que figuram nessa categoria de mulheres bissexuais não brancas, mas ricas e privilegiadas são Kalinda Sharma (*The Good Wife*; 2009-2016), uma advogada poderosa e

bem-sucedida; Ling Woo (*Ally McBeal*; 1997-2002) uma advogada voraz e Callie Torres (*Grey's Anatomy*; 2005-presente) uma médica bem-sucedida e de família rica.

Dados coletados pelo *Gallup* (2017) contrastam com a escolha da mídia em focar a representação bissexual em mulheres brancas e ricas. Segundo o instituto de pesquisa, apesar da maior parte dos estadunidenses adultos que se identificam como LGBT serem mulheres (4,4%), a maior parte dos LGBTs são mulheres hispânicas (5,4%) e ganham menos de \$36.000 por ano (5,5%). De acordo com esses dados, uma representação que fuja do combo mulher-branca-rica estaria em maior acordo com a demografia da população LGBT estadunidense.

3 REPRESENTAÇÃO DA BISSEXUALIDADE EM SEX AND THE CITY E SKINS

Duas séries de televisão com personagens femininas de destaque que exibem identidades bissexuais foram selecionados para análise. As séries em questão foram escolhidas por terem sido exibidas em diferentes épocas do século XXI, totalizando uma amostra que cobre uma parte significativa de suas duas décadas iniciais. Além disso são séries de grande expressividade no sistema da cultura popular de massa nos últimos anos.

Sex and the City é referência mundial em termos de série de televisão, sendo assistida até hoje. Essa *sitcom* (aglutinação do termo em inglês *situation comedy* ou, numa tradução livre, comédia de costumes) tem como pauta a libertação sexual e a desconstrução do tabu quanto ao sexo para as mulheres. A série retrata as vidas sexuais e românticas de quatro amigas, versando sobre temas como promiscuidade, sexo seguro, sexualidade e feminilidade, tendo como pano de fundo a cidade de Nova York.

Tendo como criador Darren Star, a série é baseada no livro de Candace Bushnell, de mesmo nome, e foi exibida de junho de 1998 a fevereiro de 2004 pelo canal por assinatura estadunidense *HBO*. No Brasil a série foi exibida também pela *HBO* e posteriormente por outros canais de TV paga e aberta. A série está atualmente disponível na plataforma paga de *streaming HBO Max*.

O recorte da série a ser analisado é a quarta temporada (2001- 2002) na qual uma das personagens principais, Samantha Jones (Kim Cattrall), conhecida por manter romances-relâmpago com homens, namora uma artista plástica brasileira, Maria Diega Reyes (Sônia Braga).

Testemunha do sucesso de *Sex and the City* é a quantidade de mídias que já foram lançadas dando continuação à série mesmo após seu encerramento. Em 2008 e 2010 foram lançados filmes retratando as quatro amigas atualizando os acontecimentos de suas vidas. O seriado teve também uma prequela encomendada pelo canal *The CW*, rede aberta de televisão estadunidense, *The Carrie Diaries* (2013-2014). Além disso, a série ganhou em 2021 um *reboot*, *And Just Like That...*, de dez episódios, exibido pelo mesmo canal de *streaming* que carrega a série original, acompanhando a vida das personagens dezessete anos depois do fim da exibição do original. O *reboot*, contudo, não conta com a participação de Samantha Jones, personagem foco desta análise. Tais mídias, no entanto, não serão analisadas no presente trabalho.

Skins foi uma série que marcou a juventude dos nascidos na década de 1990, tendo grande expressividade nas redes sociais à época de sua exibição, pautando os descobrimentos característicos da adolescência. O seriado retrata a adolescência de grupos de amigos na cidade inglesa de Bristol durante os anos finais do ensino médio, abordando temas como sexualidade, uso de drogas e famílias com relações disfuncionais. *Skins* tem um formato atípico, uma vez que seu elenco principal muda de dois em dois anos. Assim, a série divide-se em três gerações compostas por um elenco diferente, cada uma constituída por duas temporadas

A série foi criada por Bryan Elsley e Jamie Brittain, originalmente transmitida pelo canal *E4* que é parte do *Channel 4* da rede aberta de televisão britânica. Sua exibição foi de janeiro de 2007 a agosto de 2013. Sucesso de crítica e de audiência, *Skins* ganhou uma adaptação estadunidense, *Skins US*, veiculada pela MTV, canal a cabo do país. No Brasil *Skins* foi exibida pelos canais por assinatura *HBO*, *VH1* e *Multishow*. A série encontra-se atualmente disponível no serviço pago de *streaming Netflix*.

A parte da série a ser analisada é a segunda geração, compreendida pela terceira e quarta temporadas (2009-2010), em especial a personagem Naomi Campbell (Lily Lovelless), que se envolve romanticamente com a colega de classe Emily Fitch (Kathryn Prescott), mas o tempo todo afirma não ser gay e se envolve brevemente com homens.

Esses programas foram selecionados porque são uma amostra conveniente de programas de televisão com uma diversidade de personagens. Ademais, ambas séries estão atualmente hospedadas em plataformas de *streaming*, podendo ser mais facilmente acessadas e, dessa forma, tendo seus efeitos na sociedade prolongados, uma vez que novas gerações podem ter acesso a essas mídias, sendo por elas impactadas. Desse modo, ainda que as séries possam não ter um efeito tão exacerbado nas gerações subsequentes à sua veiculação original, elas ainda podem afetar as audiências mais jovens, mesmo que com possíveis ressalvas. Todas as séries foram assistidas em sua totalidade, uma vez que já foram finalizadas, e serão observadas a partir de categorias pré-selecionadas referentes a facetas da bifobia. Essas categorias são: ausência de rotulação, presença de triângulos amorosos ou traições, incapacidade de se comprometerem romanticamente, perda de apoio social e ausência de demonstrações de afeto x hiperssexualização.

O tipo de análise aqui apresentada deriva da análise crítica do discurso, uma vez que esta permite compreender a linguagem como um meio de validar e estabelecer discursos legitimadores do poder social e da desigualdade (BOUVIER; MACHIN, 2018).

A análise crítica do discurso visa estudar as formas como a linguagem e seus usos podem exprimir contextos específicos do ponto de vista sociocultural. Essa análise tem como pilares examinar os componentes linguísticos do material midiático nas competências discursivas, textuais e socioculturais (FAIRCLOUGH, 2003 apud PENG, 2020).

Partindo do pressuposto que poder é equivalente ao controle de valores e ideais sob os quais uma sociedade é regida, a forma como as instituições e a mídia elegem comunicar-se reforçam esse poder, além de criarem uma ideia de que comunicam o senso comum, aquilo que deve ser entendido e absorvido pela sociedade como melhor para todos. Assim, a análise crítica do discurso tem como objetivo apontar os mecanismos de poder sobre os discursos exercidos pelas instituições, bem como as diferentes formas de mídia, uma vez que eles moldam o entendimento social e, portanto, as sociedades (BOUVIER; MACHIN, 2018).

A análise das séries e seus respectivos resultados se darão a partir da adaptação de tópicos pré-estabelecidos, citados no estudo realizado por Corey (2017), que também tem como objetivo analisar a bissexualidade em séries de televisão, além da inclusão de critérios observados como relevantes para a discussão adicionados por nós. Os critérios estabelecidos por Corey (2017) aqui usados são compostos por: *ausência de rotulação*; *presença de triângulos amorosos*; *incapacidade de se comprometerem romanticamente*. A autora também usa como critério em sua análise o tópico *rejeição parental*, que não foi incluído no presente trabalho uma vez que as séries que compõem a presente análise não têm como foco a relação entre os personagens que compõem seu arco principal e seus respectivos pais. Ademais, os critérios estabelecidos por Corey (2017) dão-se a partir da percepção da ocorrência desses estereótipos ao longo das séries analisadas pela autora. Nesse sentido, fez-se necessária a inclusão de tópicos como *traições*; *perda de apoio social*; *ausência de demonstrações de afeto x hiperssexualização*; a fim de compor a presente análise, uma vez que tais estigmas foram observados ao assistir as séries aqui analisadas.

3.1 Ausência de rotulação

A ausência de rotulação compreende a não utilização do termo *bissexual* ao tratar da sexualidade de personagens que se relacionam com mulheres e homens. As mídias, em geral, ao não usarem a nomenclatura, tendem a afirmar que a personagem não é mais heterossexual

e sim gay/lésbica ou então que supostamente oscilam sua sexualidade entre heterossexual e homossexual. Ambos os artifícios podem ser problemáticos uma vez que invisibilizam e deslegitimam a bissexualidade, especialmente quando retratam personagens que supostamente oscilam entre heterossexuais e gays/lésbicas ao reforçar o estereótipo que pessoas bissexuais estão indecisas e que a bissexualidade não é, de fato, uma possibilidade da sexualidade humana.

Essa oscilação entre heterossexual e lésbica faz-se presente em *Sex and the City*, posto que a personagem Samantha Jones refere-se a si mesma como lésbica quando começa a se relacionar com a artista plástica brasileira Maria Diega Reyes. Portanto, a série demonstra que a personagem oscila entre sexualidades ao invés de se manter enquanto bissexual por todo o tempo, uma vez que o termo *bissexual* jamais é utilizado para caracterizar a personagem, embora ela demonstre comportamento bissexual. Além da relação com Maria, Samantha afirma já ter se relacionado sexualmente com mulheres anteriormente, ainda que, até então, essas relações sempre tenham envolvido homens também. A ausência do uso da nomenclatura *bissexual* existe como uma tentativa de apagar a fluidez característica dessa sexualidade, fluidez essa é vista como uma ameaça, posto que ela desafia a sexualidade como um conceito intrinsecamente binário (RICHTER, 2013). A utilização equivocada da rotulação de personagens bissexuais enquanto lésbicas alimenta a invisibilização bissexual, uma vez que corrobora com um equívoco que um relacionamento só pode ser considerado de fato bissexual caso seja composto por, ao menos, três pessoas, e o mesmo o parece ser verdadeiro em cenas de sexo envolvendo duas mulheres (DE BARROS, 2020). Isso faz-se bastante claro em *Sex and the City* quando, além da ausência de nomenclatura, a bissexualidade de Samantha parece ser utilizada como artifício de atração da atenção masculina quando, antes de se relacionar com Maria, a personagem condiciona sua bissexualidade a estar fazendo sexo à três. Ademais, o uso da nomenclatura “lésbica”, sobretudo de modo a se referir à atividade sexual entre duas mulheres, pode funcionar também de modo a apagar a identidade bissexual, uma vez que cenas de sexo entre duas mulheres acabam sendo descritas como “lésbicas” independente da identidade sexual daquelas presentes no ato. Desse modo, se, independente da identidade sexual das mulheres envolvidas, as cenas são lidas e descritas como “lésbicas”, apenas as cenas envolvendo trios compostos por pelo menos uma mulher e um homem podem ser qualificadas enquanto cenas “bissexuais”, reduzindo essa identidade à invisibilidade no sexo. Sendo assim, há um acordo tácito quanto a ignorar a identidade sexual das mulheres ali presentes, deixando mulheres bissexuais em uma posição insegura,

de modo que são levadas a uma escolha entre manter visibilidade frente a sua identidade e envolver-se em uma prática prazerosa (DE BARROS, 2020).

Figura 1: Samantha conta para as amigas que está se relacionando com Maria.



Fonte: (WHAT'S... 2001)

Em *Skins*, por sua vez, a personagem Naomi por muitas vezes diz, na terceira temporada, que não é “gay”, e que talvez goste apenas de homens, com exceção de Emily, seu par romântico na série. Na quarta temporada ela diz que gosta da Emily desde os doze anos e que tentou ficar com garotos para fazer passar, mas não deu certo. Nesse caso há novamente um apagamento da bissexualidade e uma dificuldade da série em abordar uma discussão mais profunda sobre isso, posto que Naomi dá declarações conflitantes sobre sua sexualidade. Inclusive, ao declarar sucessivamente que não é gay e ao mesmo tempo dizer que tentou ficar com homens em uma tentativa de fazer seus sentimentos por Emily passarem, Naomi parece tentar oscilar entre monossexualidades (heterossexual e lésbica), as quais ela parece entender como as únicas formas possíveis de sexualidade. Ademais, em dado momento Naomi beija outro personagem, Cook, e quando os beijos parecem levar a algo mais, Naomi interrompe os beijos e diz para Cook que não consegue continuar aquilo, ao passo que ele responde que se ela não consegue transar com ele, uma pessoa por quem aparentemente ela nutre algum nível de interesse sexual, ela deve estar gostando de verdade de outra

pessoa. Nesse sentido, é possível inferir que, de fato, Naomi se interessa por ambos os gêneros, mas ao ver apenas o monossexismo como resposta, a confusão acerca do descobrimento de sua sexualidade se agrava. Sendo assim, o processo de descoberta da sexualidade acaba se esvaziando, uma vez que é pouco explorado, e assim como em *Sex and the City* é necessário supor a sexualidade de Naomi com base no comportamento dela ao longo da série, já que o termo “bissexual” também não é usado.

Sendo assim, é possível afirmar que em ambas as séries é observada uma ausência de rotulação, que é responsável por agravar o apagamento de personagens bissexuais no gênero midiático. A não utilização do termo “bissexual” é uma forma de apagamento da identidade bissexual (MAGRATH; CLELAND; ANDERSON, 2017). Esse apagamento pode ser nocivo à comunidade bissexual uma vez que pode contribuir para piores desfechos de saúde mental nesses indivíduos (JOHNSON, 2016). Em um estudo conduzido por Johnson (2016), 38.9% dos respondentes bissexuais, diagnosticados com pelo menos uma doença mental, afirmaram sentir que seu distúrbio ou seus sintomas foram afetados de alguma maneira pela representação da mídia sobre bissexualidade. Assim, é possível compreender que esse dado aponta para a ideia de que a mídia pode piorar os desfechos de saúde mental em indivíduos bissexuais (JOHNSON, 2016).

As crenças e os estigmas podem ser aprendidos por duas vias: 1) por observação e imitação (processo chamado de modelação) (BANDURA, 2008); 2) pelas consequências do comportamento (processo chamado de modelagem) (SKINNER, 2003). A modelação diz respeito a reprodução de comportamentos e regras a partir da observação com um modelo com o qual o indivíduo se identifique (como, por exemplo, se vestir como um rockstar que se admire ou reproduzir valores e regras sociais aprendidas por um cuidador) (BANDURA, 2008). A modelagem, por sua vez, faz referência ao processo de aprendizagem por consequências, pois as consequências reformadoras ou punitivas de um comportamento emitido podem aumentar ou diminuir as chances de que ele se repita (como, por exemplo, notas altas aumentam a probabilidade de estudar para provas) (SKINNER, 2003). As séries de TV, portanto, podem funcionar como instrumentos para os processos de modelagem e modelação, uma vez que sistema de aprendizagem opera por meio da imitação e do reforço. Desse modo, a mídia contribui nesse processo ao moldar os espectadores por meio das narrativas por ela veiculadas, com valores por ela definidos. Portanto, moldar os espectadores, sobretudo de faixas etárias mais jovens, implica em participar da construção identitária desses indivíduos,

que terão impacto no longo prazo. Negar a certos públicos representatividade positiva impacta diretamente no processo de aprendizagem, que por sua vez impacta seu autoconceito.

Ademais, faz-se necessário ratificar que a falta de identificação por parte das personagens pode tornar subjetiva sua real sexualidade, sendo necessário aferi-la de forma arbitrária por meio da atividade sexual do personagem ao longo das temporadas a fim de realizar a presente análise. Esse fenômeno é recorrente em estudos dos campos da comunicação e mídia, uma vez que personagens explícita ou potencialmente bissexuais são lidos ou rotulados como lésbicas ou gays, gerando um apagamento bissexual (RICHTER, 2013). Desse modo, a ausência de rotulação impacta diretamente no estudo sobre a representação da bissexualidade, dificultando sua realização. De acordo com o estudo de Johnson (2016) a representação na mídia é um fator que afeta a saúde mental de pessoas bissexuais, embora provavelmente não seja o único fator contribuinte. As pessoas entrevistadas no estudo frisaram que a representação bissexual positiva e realista na mídia é um fator para o bem-estar geral, além de contribuir para a aceitação e autoidentificação entre pessoas bissexuais. Além disso, a ausência de rotulação impossibilita entender os estressores específicos dessa comunidade e seus impactos nesses indivíduos, assim como invalida o preconceito específico sofrido por pessoas bissexuais, uma vez que a bifobia tem características próprias. Ademais, ao negar a rotulação, perde-se um potencial referência de afirmação identitária sexual adequada, o que gera uma dificuldade de integração identitária entre aqueles que fazem parte da comunidade bissexual. Nesse sentido, a mídia pode potencialmente alimentar o sentimento de bifobia e esvaziar uma sensação de coletividade, comunidade e, conseqüentemente, de orgulho e aceitação, tanto individual quanto coletiva. Sendo assim, é possível compreender que a ausência de rotulação bissexual na mídia gera um apagamento e conseqüentemente uma propagação de estereótipos negativos acerca dessa sexualidade, que geram ódio e desinformação.

3.2 Presença de triângulos amorosos ou traições

Triângulos amorosos e traições são artifícios muito comumente utilizados pela mídia ao retratar personagens bissexuais. Estes estereótipos corroboram com uma concepção bastante recorrente de que indivíduos bissexuais não conseguem se contentar com apenas uma relação com somente um gênero, o que culminaria, necessariamente, em um triângulo amoroso ou em traição.

Em *Sex and the City* esses estereótipos não são vistos na relação entre Samantha e María, que apenas resolvem terminar o relacionamento, mas Samantha nunca mais é mostrada se envolvendo com mulheres ao longo da série. Apesar dessa relação não ser permeada por traições e triângulos amorosos, Samantha, ao afirmar que já tinha se relacionado sexualmente com mulheres antes de se relacionar sexual e romanticamente com Maria, condiciona essas relações à presença masculina. Ao afirmar que já havia se relacionado antes com mulheres, mas apenas ao fazer sexo a três com a presença de um homem, a bissexualidade de Samantha parece existir para a satisfação do olhar masculino, artifício bastante comum em mídias ao tratar de personagens bissexuais.

Já em *Skins* Naomi trai Emily com outra personagem, Sophia, o que gera o término dela com Emily. Naomi argumenta que traiu Emily com Sophia por se sentir presa no relacionamento e controlada pela namorada. Essa é uma narrativa bastante comum apresentada pela mídia. De modo geral as traições acontecem com homens, de modo a indicar que bissexuais precisam se relacionar com os dois gêneros a todo o tempo, fato esse que não ocorre em *Skins*, o que pode ser visto como um pequeno ganho. Contudo, ainda há uma traição presente na narrativa, corroborando com a ideia de que bissexuais não são confiáveis e não conseguem manter relações monogâmicas de longo prazo. Ademais, em dado momento Naomi beija um de seus amigos, Cook, depois de Emily saber da traição. A narrativa da série é construída de modo a não deixar claro se Naomi e Emily terminaram ou não depois que a traição foi revelada, o que abre margem para o entendimento que Naomi traiu Emily uma segunda vez, agora com um homem. Essa ambiguidade, proposital ou não, também colabora com estereótipos negativos acerca da bissexualidade.

A presença de traições ao retratar a bissexualidade reforça a ideia de que bissexuais são promíscuos e que precisam se relacionar com mais de um gênero simultaneamente, tanto para se satisfazerem, quanto para viverem plenamente sua sexualidade e ter ela validade enquanto plurissexualidade. Essa é uma ideia pré-concebida bastante corriqueira, tanto dentro da comunidade LGBT quanto fora dela, e que reforça a bifobia sofrida por indivíduos bissexuais. Esse tipo de representação negativa sobre a bissexualidade, perpetuada pela mídia, pode reforçar concepções ruins sobre a bissexualidade para o público em geral (JOHNSON, 2016). Desta forma, os estereótipos negativos acerca da bissexualidade, difundidos pela mídia, podem propiciar a ocorrência do estresse das minorias através da internalização desses conceitos, sugerindo que o modo como a bissexualidade é representada na mídia pode

impactar a saúde mental de indivíduos bissexuais (JOHNSON, 2016). Este clichê de representação pode ser observado em *Skins* quando Naomi trai sua namorada, Emily, com outra personagem.

A suposição da mídia que indivíduos bissexuais necessariamente vão se envolver em triângulos amorosos ou vão trair seus parceiros rotula esses indivíduos como pessoas nas quais não se pode confiar. Relações heterossexuais são muitas vezes permeadas por traições, sem que sejam representadas na mídia de forma negativa por isso ou como se esse fosse um clichê próprio dessa sexualidade, mas sim como algo que pode potencialmente acontecer em qualquer relação. Ademais, a presença de triângulos amorosos envolvendo bissexuais tende a ser, de modo geral, para satisfazer o olhar masculino fetichizador. Uma vez que mulheres bissexuais são o grupo bissexual mais comumente retratado pela mídia, esta tende a hiperssexualizar a bissexualidade de modo a satisfazer um fetiche masculino (bastante enraizado em uma lógica de filmes pornô) ao, via de regra, representar um homem se relacionando sexualmente com duas mulheres ao mesmo tempo. Sendo assim, a presença de triângulos amorosos e de traições são recorrentes na mídia porque são estereótipos perpetuados e não por trazerem uma representação fiel de uma sexualidade, além de parecem existir para reafirmar uma recusa à essa sexualidade, de modo a marginalizá-la caracterizando-a como prejudicial, nojenta, errada, maléfica e inaceitável enquanto expressão natural e legítima da sexualidade humana.

A mídia tende a retratar personagens bissexuais femininas de forma hiperssexualizada, como meio de obter atenção masculina, e/ou como mulheres que se utilizam de sua atração por mulheres como meio de conseguir algo que elas queiram (JOHNSON, 2016). No caso de Samantha, por exemplo, suas próprias amigas julgam que e o relacionamento dela com Maria é uma forma de chamar a atenção do grupo. Ainda no caso de Samantha, a relação dela com Maria é pautada pelo sexo e isso por vezes acontece de forma genitalizada. Um exemplo disso é quando Carrie, em posição de narradora na série, diz: “Samantha decidiu que se fosse pra ser lésbica, então ela seria por completo” (WHAT’S... 2001, tradução nossa⁶), fazendo referência a amiga fazer sexo oral em Maria.

⁶ No original: “Samantha decided if she was going to be gay, she’d be gay all the way”

Figura 2: Maria e Samantha fazem sexo pela primeira vez.



Fonte: (WHAT'S... 2001)

3.3 Incapacidade de se comprometerem romanticamente

Uma crença comum entre o público geral que é reforçada pela mídia é a de que indivíduos bissexuais, por se atraírem por mais de um gênero, não conseguem se comprometer romanticamente a longo prazo com apenas um desses gêneros.

Samantha tem um histórico ao longo de *Sex and the City* de incapacidade de se comprometer em relacionamentos de longo prazo. Ela é vista como “pegadora em série”, se envolvendo brevemente com várias pessoas. A própria personagem se rotula como uma pessoa que não se relaciona romanticamente de forma duradoura, apenas sai com diversas pessoas em sequência. Apesar de aparecer muito mais com homens e apenas uma vez com uma mulher, a personagem pode ser lida como bissexual. O comportamento de Samantha reforça a ideia de que bissexuais são promíscuos e não conseguem se comprometer longamente com qualquer pessoa de qualquer gênero. Por poderem potencialmente se relacionar tanto com homens quanto com mulheres, os indivíduos bissexuais são vistos pela sociedade e representados pela mídia como promíscuos. A personagem Samantha da série *Sex and the City* é um exemplo bastante claro dessa ideia. Samantha aparece com um interesse romântico diferente praticamente a cada episódio, salvo raras exceções, fala abertamente sobre sua vida sexual agitada para as amigas e é muitas vezes julgada por isso. A narrativa da personagem

na série faz com que o espectador entenda que Samantha só se relacionou com uma mulher por ser promíscua, silenciando, diminuindo e estigmatizando a bissexualidade. A disponibilidade emocional de cada indivíduo não deveria ser justificada ou pautada por sua sexualidade. Associar comportamentos de risco a pessoas bissexuais pode ter um caráter bastante nocivo, uma vez que propaga um estereótipo estigmatizante sobre esse grupo. A mídia tende a invisibilizar minorias ou as retratar a partir de estereótipos degradantes (GROSS, 2001). Desse modo, a mídia reforça ideais preconceituosos pautados pela sociedade de modo geral.

Em *Skins* Naomi tem dificuldade em aceitar seus sentimentos por Emily e passa toda a terceira temporada tentando fugir dela. Quando finalmente Naomi e Emily assumem um relacionamento, Naomi trai Emily na quarta temporada por sentir que estava sendo controlada por Emily. Naomi tem uma questão com a aceitação de sua sexualidade, o que faz com que ela tenha medo de assumir um compromisso com Emily. Ao longo da terceira temporada Naomi se mostra muito mais aberta a se relacionar com homens pelos quais ela nutre sentimentos negativos do que com Emily, por quem na quarta temporada ela assume ter sentimentos desde bastante nova. Tais comportamentos podem ser lidos pelo público como uma dificuldade que pessoas bissexuais têm em se envolver romanticamente de forma mais profunda ou mesmo de que bissexuais usam suas relações com pessoas do mesmo gênero como mera diversão temporária ou como ferramenta para conseguir algo. Séries que tratam temáticas relativas à bissexualidade de forma displicente, além de contribuir para o apagamento bissexual, podem também fomentar estereótipos negativos, como o de que a bissexualidade está ligada a não conseguir escolher um lado (entre ser heterossexual ou gay/lésbica), que esses indivíduos são loucos por sexo e por isso se relacionam com mais de um gênero, ou mesmo que são pessoas gananciosas (COREY, 2017). Ao reforçar esses estereótipos, essas mídias tratam os indivíduos bissexuais como uma categoria de pessoas nas quais não se pode confiar, uma vez que os retrata não apenas como pessoas que mentem para os outros ao afirmar sua sexualidade, mas também para eles mesmos (COREY, 2017). Há o estabelecimento de uma regra por parte da mídia ao retratar pessoas bissexuais como inferiores que é a de que apenas o monossexismo é aceitável enquanto expressão da sexualidade humana.

Figura 3: Naomi se declara para Emily.



Fonte: (EVERYONE, 2010)

3.4 Perda de apoio social

Por motivos similares aos do tópico anterior, torna-se bastante recorrente a perda de apoio social entre pessoas bissexuais ao externar sua sexualidade. Amigos, conhecidos, colegas de trabalho e demais familiares podem não ver com bons olhos a bissexualidade, gerando um afastamento. Não ter suporte social afeta profundamente a vida de um indivíduo, que somado aos demais obstáculos enfrentados pelos bissexuais pode culminar em desfechos negativos de saúde mental.

As amigas de Samantha, em *Sex and the City*, parecem achar que o envolvimento amoroso da amiga com outra mulher se dá somente como uma forma de chamar atenção delas, de parecer mais descolada ou diferente, chocá-las e irritá-las. Samantha perde o apoio das amigas assim que começa a se relacionar com Maria, o que acontece de maneira muito nítida e brusca. As amigas tiram sarro da orientação sexual de Samantha, dizendo não acreditarem que a amiga é lésbica (ao sair com Maria, a personagem diz às amigas que é lésbica, apesar de apresentar comportamento bissexual), e que na verdade ela é tão namoradeira que não existem mais homens com os quais ela possa sair em toda a cidade de Nova York, por isso decidiu começar a se relacionar com mulheres. Miranda, uma das amigas de Samantha, ainda afirma que se o caso é não ter homens, a amiga poderia simplesmente entrar em greve

ao invés de ficar com mulheres. Em dado momento, Carrie, uma das amigas de Samantha, se revolta ao constatar que a amiga saiu do armário em uma noite na qual ela tinha a maior novidade: ter tido o maior orgasmo de sua vida, e ainda assim Samantha conseguiu ter uma novidade mais bombástica sobre sua vida sexual. Charlotte, também amiga de Samantha, parece se chatear ao constatar que foi ela quem apresentou Maria à amiga em sua galeria de arte, e Carrie então a chama de cafetina. As amigas já se apresentaram outros pretendentes ao longo da série, todos homens, sem que fossem, contudo, consideradas “cafetinas” por isso.

Samantha tem um histórico de chocar as amigas pelas aventuras sexuais que tem com os homens, mas se relacionar com uma mulher parece ter sido o evento mais escabroso e que mais incomodou suas amigas. A personagem tenta conversar com Carrie por telefone sobre seu relacionamento com Maria, mas a amiga parece não estar disposta a conversar se o tópico for o relacionamento não heterossexual de Samantha. No dia seguinte, Carrie parece ter mudado de ideia e avisa às amigas que elas devem falar sobre o relacionamento de Samantha quando ela chegar, mas com tom de formalidade e ao mesmo tempo aparentemente terceirizando a tarefa para as outras amigas. Quando Samantha chega no café onde as amigas sempre se encontram a conversa parece desandar e culmina em uma fala de Carrie sobre como dedos não se comparam com pênis, de modo a diminuir o sexo entre duas mulheres, o que por sua vez parece ter como alvo deslegitimar a relação entre Maria e Samantha. As amigas de Samantha parecem indignadas com a ideia de que Samantha, uma mulher que esteve sexualmente com tantos homens, possa querer ou gostar de fazer sexo com uma mulher (ADKINS, 2008). As amigas parecem ter certeza de que tudo não passa de uma aventura, de um meio de irritá-las e chocá-las, e parecem querer desesperadamente que Samantha desista logo dessa aventura passageira e volte ao seu antigo “eu”, ao “normal”.

É importante perceber que se trata de um grupo de amigas que é representado na série como bastante unido, que se encontra constantemente e parece ser como uma segunda família para todas as integrantes. Levando em conta que a série não explora as relações das amigas com seus respectivos familiares, a perda de apoio social nesse caso faz-se especialmente significativa, impactando diretamente a vida de Samantha. A perda de apoio social é um dos fatores mais presentes em *Sex and the City* no desenrolar do relacionamento entre Samantha e Maria. O enredo da série, contudo, não dá espaço para que essa perda de apoio social seja vista como o fator significativo que é. Samantha é retratada como uma personagem muito

resiliente, parecendo não entender os comentários negativos das amigas como algo que tem como objetivo deslegitimar a sexualidade dela e machucá-la.

Em *Skins* Naomi teme a perda de apoio social e isso é um fator na falta de autoaceitação e compromisso amoroso para a personagem na terceira temporada. No quinto episódio da terceira temporada Effy, uma amiga de escola, pergunta para Naomi sobre Emily. Naomi tenta desconversar dizendo que é heterossexual. Effy, então, pergunta se ela tem certeza disso. Naomi pergunta se ela disser que não tem certeza vai se arrepender depois por isso. Effy diz que provavelmente sim, mas não por causa dela, demonstrando apoio. Na quarta temporada quando Naomi assume o namoro com Emily alguns dos amigos apoiam a relação, enquanto outros fazem piada. De todo modo, ela não parece sentir que perdeu o apoio dos amigos que fazem piada e conta com eles durante a temporada.

A perda de apoio social é um fator bastante comum entre pessoas bissexuais, uma vez que a sexualidade que foge da norma é vista como errada, antinatural, desviante ou mesmo perigosa. Esses conceitos são reforçados pela sociedade e pela mídia de tal forma que colegas e familiares, antes próximos, podem se afastar com medo de serem associados com comportamentos não-heterossexuais que eles considerem errados. A perda de apoio social por bifobia não ocorre somente por parte de amigos e familiares heterossexuais, mas também por parte daqueles que se identificam como gays ou lésbicas, uma vez que pessoas monossexuais, mesmo que não sejam heterossexuais, podem potencialmente condenar o comportamento plurissexual. Isso ocorre por conta da “dupla discriminação” que caracteriza a bifobia.

A perda de apoio social pode, ainda, impactar em fatores como bifobia internalizada, ocultação da identidade sexual e expectativa à rejeição. Pode ocorrer aqui uma reação em cadeia. Ao perder o apoio social, pessoas bissexuais podem entender que têm uma sexualidade errada ou desviante, e que isso diminuiria ou mesmo tiraria todo seu valor, podendo causar a internalização de um baixo autoconceito, que traduz-se em bifobia internalizada. A bifobia internalizada, por sua vez, pode levar a uma ocultação da identidade sexual, visto que a sexualidade pode ter sido entendida como fator para perda de valor perante a sociedade, gerando, assim, uma expectativa à rejeição.

Figura 4: Naomi discute com Emily acerca de sua sexualidade.



Fonte: (KATIE... 2009)

3.5 Ausência de demonstrações de afeto x hiperssexualização

A forma como o afeto é representado em relações entre pessoas do mesmo sexo na mídia tende a dividir-se em dois polos: a ausência de demonstrações de afeto (ou mínimas demonstrações de afeto) ou a hiperssexualização. A hiperssexualização parece existir, sobretudo, para satisfazer o olhar masculino (*male gaze*). Seja por terem homens como parte do público-alvo ou por serem produzidas, dirigidas, criadas, etc., por homens, as mídias que têm bissexuais em seu enredo tendem a reproduzir a ideia de que bissexuais devem existir na tela enquanto objetos de satisfação de um fetiche sexual masculino. É possível observar, ainda, que o fato de mulheres bissexuais serem mais representadas pela mídia do que homens bissexuais pode ser fruto do olhar masculino (e, presumivelmente, heterossexual) sobre essa identidade.

A ausência de demonstrações de afeto, por sua vez, reforça a ideia de que personagens bissexuais parecem existir para cumprir uma espécie de “cota do fetiche masculino heterossexual”. Essas personagens só são autorizadas a demonstrar afeto se este levar a uma investida sexual, que, por sua vez, deve levar a cenas sexuais de cunho mais explícito. É possível supor, a partir dessa análise, que demonstrações de afeto só podem e devem existir na mídia se levam a cenas de cunho sexual e que demonstrações mais “básicas” ou “triviais” de afeto, como, por exemplo, uma mulher bissexual beijar sua esposa na frente de amigos

ou familiares apenas porque chegou no cômodo onde os demais personagens se encontram, não parecem ser permitidas, uma vez que não servem ao prazer masculino e são, ainda, categorizadas como um alarde desnecessário quanto à identidade sexual, sendo muitas vezes condenados pela sociedade.

É curioso notar, no entanto, como há um estereótipo acerca das relações entre duas mulheres de que elas se relacionariam pouco sexualmente, preferindo ter longas conversas sobre sentimentos. Esse estereótipo é reafirmado nas falas de Samantha em *Sex and the City*, mas ao mesmo tempo ela e Maria não parecem demonstrar sentimentos em público e têm o sexo como ponto focal da relação. Prova disso é que Carrie, em posição de narradora na série, afirma que Samantha estava fazendo muito sexo, bem mais do que ela supunha que faria, reforçando o estereótipo negativo que mulheres que se relacionam com mulheres não se interessam realmente por sexo e talvez por isso se relacionem com mulheres. Uma vez que Samantha sente que a relação entre tempo de sexo e tempo de conversa não a satisfaz mais no relacionamento ela rompe com Maria. Curiosamente, essa narrativa parece reforçar a ideia de que a mídia funciona entre esses dois polos: hiperssexualização ou ausência de afeto.

Ademais, quando Samantha apresenta Maria às amigas, ela a cumprimenta apenas com dois beijinhos no rosto, como se faria com amigas. Ao longo da série Samantha não poupou demonstrações públicas de afeto ao se relacionar com homens, sempre exibindo seus relacionamentos em público. Portanto, não parece combinar com o histórico de Samantha que ela negue afeto em público à Maria. Parece bastante nítido que trata-se de uma decisão um tanto bifóbica por parte dos roteiristas.

Embora Maria não seja o foco da presente análise, é interessante pontuar o fato dela ser uma mulher brasileira, portanto latina, demografia lida como hiperssexual, sobretudo em países como os Estados Unidos, onde a série se passa. Assim, é interessante pensar como a personagem escolhida para relacionar-se com Samantha, vista como uma personagem de apetite sexual incansável, seja uma mulher latina, corroborando com a ideia da representação hiperssexualizada de mulheres bissexuais.

Em *Skins*, por sua vez, quando Naomi e Emily assumem namoro e começam a morar juntas parece que dentro de casa elas vivem em um universo paralelo de muito amor, cumplicidade e preocupação uma com a outra, o que não se traduz na vida fora de casa. Quando elas estão na escola ou com os amigos elas não demonstram tanto carinho e preocupação

uma com a outra. Isso pode estar relacionado a estressores proximais de minoria, como ocultação identitária, expectativa de rejeição e bifobia internalizada. Sendo assim, o modo como as duas se relacionam acaba por ratificar a noção de que mulheres bissexuais na mídia sofrem com uma representação de ordem muito mais fria e distante romanticamente do que seus homólogos heterossexuais.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar como a bissexualidade feminina foi abordada em duas séries de épocas diferentes e de que forma essa representação pode ter impactado a vida dessas mulheres. A literatura utilizada para fundamentar a presente análise está em concordância com o conteúdo analisado nas séries, de modo que aponta como elas reproduzem estereótipos nocivos. No entanto, é necessário apontar como a geração alvo de *Sex and the City* dispôs de uma representação pior, uma vez que em *Skins* já é possível observar algumas mudanças positivas acerca da bissexualidade. Contudo, *Skins* ainda não foi construída enquanto uma mídia sem representatividade problemática e totalmente inclusiva quanto às especificidades da bissexualidade como poderia ser, posto que ela sequer usa a nomenclatura “bissexual”. Faz-se necessário seguir melhorando a qualidade da mídia ofertada para as gerações futuras.

Através das séries analisadas é possível perceber que a bissexualidade é bastante estigmatizada e negligenciada, sobretudo em *Sex and the City*, por ser a série mais antiga. Em *Skins*, por sua vez, a bissexualidade é menos estigmatizada, mas ainda é bastante invisibilizada. Essas mídias, portanto, apontam para uma necessidade urgente da criação de mídias que retratem a bissexualidade, citando-a pelo nome, e como uma expressão natural da sexualidade humana, abandonando os estereótipos nocivos no passado.

A bissexualidade feminina tem sido pouco abordada na mídia como um todo, e quando é abordada, faz-se por meio de estereótipos que reforçam estigmas. Reforçar estigmas acerca da bissexualidade feminina por meio da mídia tem consequências bastante nocivas na vida dessas mulheres, uma vez que contribuem não só para bifobia internalizada e expectativa de rejeição, mas moldam toda uma sociedade para encarar a plurissexualidade como algo errado, indesejável, anormal. Sendo assim, a disseminação de estigmas referentes à bissexualidade pode impactar no autoconceito de bissexuais e em seus índices de apoio social, e a televisão tem um papel chave, uma vez que pode disseminar estigmas relacionados a bissexualidade feminina.

Ademais, a mídia tem um papel chave na construção da identidade bissexual, posto que indivíduos bissexuais em sua maioria não vão ter exemplos positivos de bissexualidade na família, e a mídia acaba por suprir esse papel. Sendo assim, pensar em mídias afirmativas é pensar em oferecer um exemplo de qualidade sobre a identidade bissexual para aqueles que assim se identificam, além de desmistificar essa sexualidade perante a população geral.

Indivíduos bissexuais sofrem com isolamento social e estresse de minorias por terem uma sexualidade marginalizada pela sociedade. Tais estigmas podem ser a causa por, em pesquisas prévias, indivíduos bissexuais terem apresentado taxas altas de “de sofrimento psicológico, ansiedade, depressão, suicídio, uso indevido de álcool e comportamento auto dano” (EADY; DOBINSON; ROSS, 2010, p.378, tradução nossa.⁷). O estresse de minorias está diretamente associado ao estigma e o preconceito a pessoas não heterossexuais, expondo indivíduos parte de minorias sexuais a esse tipo específico de estresse. O estresse de minorias pode ser categorizado como um estresse adicional, sofrido por minorias, nesse caso as sexuais, simplesmente por não serem heterossexuais e, desse modo, é possível compreender que aqueles que fazem parte dessa minoria têm um acúmulo de estresse maior que seus pares heterossexuais (FLENTJE *et al.*, 2019). Desse modo, minorias sexuais apresentam piores desfechos de saúde. De acordo com Flentje *et al.* (2019), associações entre especificidades próprias do estresse minoritário foram testadas, concluindo com evidências robustas haver uma correlação entre desfechos biológicos negativos e o estresse de minorias.

No Brasil, essa realidade não é diferente: mulheres bissexuais brasileiras apresentam maior comprometimento da saúde mental (incluindo menores índices de felicidade e bem-estar e maiores índices de depressão, ansiedade e estresse) quando comparadas a mulheres heterossexuais e lésbicas (PAVELTCHUK; BORSA; DAMÁSIO, 2019).

Estudos futuros sobre o tema são necessários de modo a compreender uma gama maior de séries de diferentes gêneros e suas particularidades acerca da bissexualidade feminina. Ademais, é de suma importância que mídias brasileiras também sejam analisadas quanto à representatividade bissexual e sua qualidade, uma vez que foram construídas com o contexto sociopolítico brasileiro em mente para o olhar dos espectadores brasileiros. Outrossim, pode ser interessante utilizar outros recortes metodológicos que podem vir a contribuir para uma compreensão mais ampla do tema e das realidades impactadas por ele. Além disso, séries mais recentes devem ser analisadas de modo a entender como as novas gerações estão sendo impactadas pelas mídias mais recentes e se elas tiveram evoluções significativas até o momento ou não. A análise e monitoramento de dados quantitativos sobre a representatividade bissexual na mídia também tem sua importância, uma vez que auxilia a observar se há um aumento nessa representatividade ou não.

⁷ No original: “(...) of psychological distress, anxiety, depression, suicidality, alcohol misuse, and self-harming behaviour (...)”.

O presente estudo teve limitações devido a escolhas metodológicas e recortes de pesquisa. O recorte da pesquisa compreendeu apenas a análise de duas séries de televisão de alguns anos atrás que se passam numa realidade que não é a brasileira, embora a impacte. Ademais, a definição dos critérios para a análise das séries ocorreu de maneira arbitrária, com elementos parcialmente adicionados a priori, a partir de estudo anterior (COREY, 2017), e a posteriori, a partir de categorias que surgiram pela observação dos conteúdos abordados nas séries selecionadas para compor o presente estudo. É necessário pontuar, ainda, que a representação muda com o tempo e o tempo muda com a representação. As mídias selecionadas para compor este estudo impactaram fortemente principalmente aqueles que estavam se construindo identitariamente na época em que essas mídias foram veiculadas. Hoje em dia, outras mídias impactam de outras formas outras gerações, e também devem ser objeto de estudo. O presente estudo e seus dados podem ajudar a compreender o cenário no qual mulheres bissexuais que consumiam essas mídias nos anos 2000 e 2010 se formaram e seus possíveis impactos.

A definição arbitrária dos critérios de análise pode gerar vieses uma vez que compreende uma escolha qualitativa e não quantitativa. Há, portanto, um fator humano envolvido na escolha, não sendo possível assegurar totalmente a confiabilidade dos dados, uma vez que são interpretativos. As categorias foram escolhidas com base aquelas contidas em um artigo que teve como objetivo analisar três séries de televisão quanto à representação e representatividade bissexual. Ademais, houve a adição de categorias pelos autores tendo como base as informações contidas nas séries analisadas pelo presente trabalho, bem como categorias do trabalho Corey (2017) foram excluídas por não serem abordadas nas séries analisadas. É possível que algum outro estereótipo de representação não tenha sido abordado pelas razões supracitadas.

Embora a representação bissexual possa ter tido novos avanços desde que as séries analisadas no presente estudo foram veiculadas, elas impactaram as gerações de jovens que as consumiram, o que faz com que a análise de tais produtos midiáticos ainda demonstre relevância. Além disso, por ainda serem veiculadas em plataformas de *streaming*, podem potencialmente seguir influenciando aqueles que consumirem essas mídias.

Apesar de, enquanto produto midiático amplamente consumido, naturalmente impactarem também a realidade dos espectadores brasileiros, essas mídias foram pensadas por e para públicos que não são o nosso. Isso implica em retratar uma realidade que pode ser

bastante distinta da brasileira. Culturas como a estadunidense e a britânica são caracteristicamente mais individualistas, enquanto as culturas latinas são definidas como mais coletivistas. Tendo em vista que ter uma sexualidade não-heterossexual tem impactos significativos na vida familiar e entre amigos, essas questões podem acabar sendo pouco exploradas por conta de um viés individualista. Ademais, o nível de aceitação da não-heterossexualidade não é o mesmo ao redor do globo, e isso obviamente impacta o modo como as mídias são pensadas e, portanto, como a representatividade bissexual é retratada em cada uma dessas mídias, em diferentes lugares. Portanto, não é possível transpor para a realidade brasileira o modo como países como Estados Unidos e Reino Unido lidam com questões de sexualidade não heteronormativa. Ainda que as mídias analisadas fossem brasileiras, torna-se muito delicado transpor tal representatividade como algo que se aplica a todo território nacional, uma vez que o Brasil é um país de dimensões continentais com realidades distintas e as mídias tendem a ter seus olhos voltados muito mais para a realidade do sudeste.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADKINS, Tabettha. A label like Gucci, Versace, or Birkenstock: *Sex and the City* and queer identity. In BEIRNE, Rebecca. (org.), **Televising queer women: A reader**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008. p. 109–120.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. A Bayesian analysis of attribution processes. **Psychological Bulletin**, [S.L.], v. 82, n. 2, p. 261-277, mar. 1975. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1975-21012-001>. Acesso em: 09 out. 2020.

ANDERSON, Eric; MCCORMACK, Mark. **The changing dynamics of bisexual men's lives: social research perspectives**. Reino Unido: Springer, 2016. 193 p.

ARNDT, Marlene; BRUIN, Karina de. Measurement of Attitudes Toward Bisexual Men and Women Among South African University Students: The Validation of an Instrument. **Journal Of Homosexuality**, [s.l.], v. 58, n. 4, p.497-520, 28 mar. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2011.555672>. Acesso em 12 dez. 2019

BAHIA, Márcio de Oliveira. Os diálogos Brasil-Canadá face à influência cultural norteamericana: a terceira via. **Interfaces Brasil/Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.95-100, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6374>. Acesso em 12 dez. 2019.

BALSAM, Kimberly F.; MOHR, Jonathan J.. Adaptation to sexual orientation stigma: a comparison of bisexual and lesbian/gay adults.. **Journal Of Counseling Psychology**, [S.L.], v. 54, n. 3, p. 306-319, 2007. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.306>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-09249-009>. Acesso em: 24 set. 2020.

BANDURA, Albert. A evolução da teoria social cognitiva. **Teoria social cognitiva: Conceitos básicos**, p. 15-41, 2008.

BARTLETT, Sarah. **Exploring the Influence of Media on Sexual Identity Development in Lesbian and Bisexual Women**. 2018. 60 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, The Chicago School Of Professional Psychology, Chicago, 2018. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/f0a87b7d91f5413f9ecbb5b898e791bf/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BOUVIER, Gwen; MACHIN, David. Critical Discourse Analysis and the challenges and opportunities of social media. **Review Of Communication**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 178-192, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15358593.2018.1479881>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BOSTWICK, Wendy; HEQUEMBOURG, Amy. ‘Just a little hint’: Bisexual-specific microaggressions and their connection to epistemic injustices. **Culture, health & sexuality**, v. 16, n. 5, p. 488-503, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691058.2014.889754>. Acesso em 12 dez. 2019

BRENO, Angela L.; GALUPO, M. Paz. Bias Toward Bisexual Women and Men in a Marriage-Matching Task. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 7, n. 3-4, p. 217-235, jul. 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299710802171308>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299710802171308>. Acesso em: 23 out. 2020.

CALLIS, April S.. Playing with Butler and Foucault: bisexuality and queer theory. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 9, n. 3-4, p. 213-233, 13 nov. 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299710903316513>. Acesso em: 08 mar. 2022.

CALZO, Jerel P.; WARD, L. Monique. Media Exposure and Viewers' Attitudes Toward Homosexuality: evidence for mainstreaming or resonance?. **Journal Of Broadcasting & Electronic Media**, [S.L.], v. 53, n. 2, p. 280-299, 27 maio 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08838150902908049>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08838150902908049>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CHOI, Andrew Young; ISRAEL, Tania. Affirmative Mental Health Practice with Bisexual Clients: Evidence-Based Strategies. *In*: PACHANKIS, John E.; SAFREN, Steven A, (org.). **Handbook of Evidence-Based Mental Health Practice with Sexual and Gender Minorities**. New York: Oxford University Press, 2019. 494 p.

COREY, Sarah. All Bi Myself: Analyzing Television's Presentation of Female Bisexuality. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], p.1-16, 13 abr. 2017. Informa UK Limited.. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2017.1305940>. Acesso em 12 set. 2019.

CRITICAL MEDIA PROJECT (Los Angeles). **Why identity matters**. 2019. Disponível em: <https://criticalmediaproject.org/why-identity-matters/>. Acesso em: 28 set. 2020.

DE BARROS, Ana Carolina. “Gay Now”: Bisexual Erasure in Supernatural Media from 1983 to 2003. **Journal of Bisexuality**, v. 20, n. 1, p. 104-117, 2020.

DESCHAMPS, David; SINGER, Bennett. **LGBTQ Stats: lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer people by the numbers**. New York: The New Press, 2017. 510 p.

DIAMOND, Lisa M.. ‘I’m Straight, but I Kissed a Girl’: the trouble with american media representations of female-female sexuality. **Feminism & Psychology**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 104-110, fev. 2005. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0959353505049712>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0959353505049712?journalCode=fapa>. Acesso em: 23 out. 2020.

DOBINSON, Cheryl; MACDONNELL, Judy; HAMPSON, Elaine; CLIPSHAM, Jean; CHOW, Kathy. Improving the Access and Quality of Public Health Services for Bisexuals. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 39-77, 19 abr. 2005. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J159v05n01_05. Acesso em: 24 set. 2020.

DURSO, Laura E.; MEYER, Ilan H.. Patterns and Predictors of Disclosure of Sexual Orientation to Healthcare Providers Among Lesbians, Gay Men, and Bisexuals. **Sexuality Research And Social Policy**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 35-42, 29 nov. 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-012-0105-2>. Acesso em: 24 set. 2020.

EADY, A.; DOBINSON, C.; ROSS, L. E.. Bisexual People’s Experiences with Mental Health Services: a qualitative investigation. **Community Ment Health Journal**, Toronto, v. 47, p. 378-389, 3 jul. 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10597-010-9329-x>. Acesso em: 20 jan. 2021.

EISNER, Shiri. **Bi: notes for a bisexual revolution**. Berkeley, California: Seal Press, 2013. 589 p.

ESTERLINE, Kate M.; GALUPO, M. Paz. “Drunken Curiosity” and “Gay Chicken”: gender differences in same-sex performativity. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 106-121, jan. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2013.755732>. Acesso em: 21 out. 2020.

EVERYONE. *Skins* [seriado]. Direção de Daniel O' Hara. Roteiro: Bryan Elsley. Bristol: Company Pictures; Storm Dog Films, 2010. (48 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.netflix.com/watch/70216607?trackId=14170289&tctx=2%2C0%2Cb3980f37-1f41-4253-af5a-461a4946358a-38437376%2C48757d1d-5cc9-4eee-b2ac-f5938710519f_7208430X3XX1646271419742%2C%2C%2C%2C. Acesso em: 02 mar. 2022.

FAHS, Breanne. Compulsory Bisexuality?: the challenges of modern sexual fluidity. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 9, n. 3-4, p. 431-449, 13 nov. 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299710903316661>. Acesso em: 21 out. 2020.

FIRESTEIN, Beth A. (org.). **Bisexuality: The psychology and politics of an invisible minority**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996.

FLANDERS, Corey E.; DOBINSON, Cheryl; LOGIE, Carmen. "I'm Never Really My Full Self": Young Bisexual Women's Perceptions of their Mental Health. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], v. 15, n. 4, p.454-480, 2 out. 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2015.1079288>. Acesso em: 12 dez. 2019

FLENTJE, Annesa *et al.* The relationship between minority stress and biological outcomes: a systematic review. **Journal Of Behavioral Medicine**, [S.L.], v. 43, n. 5, p. 673-694, 20 dez. 2019. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10865-019-00120-6>. Acesso em 18 fev. 2022

GALLUP. **In U.S., More Adults Identifying as LGBT**. Washington, 2017. Disponível em: . Acesso em: 3 dez. 2020.

GATES, Garry J. **How many people are lesbian, gay, bisexual and transgender?** California: UCLA, The Williams Institute. 2011. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/09h684X2>. Acesso em: 6 nov. 2021

GLAAD. **Where we are on TV 2018/2019**. 2019. Disponível em: https://glaad.org/files/WWAT/WWAT_GLAAD_2018-2019.pdf. Acesso em: 6 nov. 2021

GROSS, Larry. Out of the Mainstream. **Journal Of Homosexuality**, [S.L.], v. 21, n. 1-2, p. 19-46, 13 maio 1991. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J082v21n01_04. Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. **Up from invisibility: Lesbians, gay men, and the media in America**. Nova York: Columbia University Press, 2001. 299 p.

HA, Anthony. **Netflix: 'Orange Is The New Black' Is Our Most-Watched Original, But Our TV Exclusives Are Even Bigger**. 2013. Disponível em: <<https://techcrunch.com/2013/10/21/netflix-orange-is-the-new-black-most-watched/>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

HACKL, Andrea M.; BOYER, C. Reyn; GALUPO, M. Paz. From "Gay Marriage Controversy" (2004) to "Endorsement of Same-Sex Marriage" (2012): framing bisexuality in the marriage equality discourse. **Sexuality & Culture**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 512-524, 18 out. 2012. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12119-012-9159-9>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12119-012-9159-9>. Acesso em: 23 out. 2020.

HAYFIELD, Nikki; CLARKE, Victoria; HALLIWELL, Emma. Bisexual women's understandings of social marginalisation: 'The heterosexuals don't understand us but nor do the lesbians'. **Feminism**

& **Psychology**, Bristol, v. 24, n. 3, p. 352-372, 19 jun. 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959353514539651>. Acesso em: 18 jan. 2021.

HEMMINGS, Clare. Bisexual theoretical perspectives: Emergent and contingent relationships. In DAVIDSON, Phoebe; EADIE, Jo; HEMMINGS, Clare; KALOSKI, Ann; STORR, Merl (org.). **The bisexual imaginary: Representation, identity, and desire**. London, UK: Bi Academic Intervention, 1997. p. 14-37.

HEREK, Gregory M.. Heterosexuals' attitudes toward bisexual men and women in the United States. **The Journal Of Sex Research**, [S.L.], v. 39, n. 4, p. 264-274, 1 nov. 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00224490209552150>. Acesso em: 07 out. 2020.

HERTLEIN, Katherine M.; HARTWELL, Erica E.; MUNNS, Mashara E.. Attitudes Toward Bisexuality According to Sexual Orientation and Gender. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 339-360, 2 jul. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2016.1200510>. Acesso em: 18 jan. 2020.

HILTON-MORROW, Wendy; BATTLES, Kathleen. **Sexual Identities and the Media: An Introduction**. Nova York: Routledge, 2015. 272 p.

HUEBNER, David M.; DAVIS, Mary C. Gay and bisexual men who disclose their sexual orientations in the workplace have higher workday levels of salivary cortisol and negative affect. **Annals of Behavioral Medicine**, v. 30, n. 3, p. 260-267, 2005. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1207/s15324796abm3003_10. Acesso em 28 set. 2020.

JOHNSON, Hannah J.. Bisexuality, Mental Health, and Media Representation. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 378-396, 9 maio 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2016.1168335>. Acesso em: 12 set. 2019.

JORM, Anthony F.; KORTEN, Ailsa E.; RODGERS, Bryan; JACOMB, Patricia A.; CHRISTENSEN, Helen. Sexual orientation and mental health: results from a community survey of young and middle aged adults. **British Journal Of Psychiatry**, [S.L.], v. 180, n. 5, p. 423-427, maio 2002. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/sexual-orientation-and-mental-health-results-from-a-community-survey-of-young-and-middle-aged-adults/A01146646C789E694AD9F100ADACF2F1>. Acesso em: 28 set. 2020.

JOYRICH, Lynne. Queer Television Studies: currents, flows, and (main)streams. **Cinema Journal**, [S.L.], v. 53, n. 2, p. 133-139, 2014. Project Muse. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43653574?seq=1>. Acesso em: 12 dez. 2019.

KATIE and Emily. **Skins** [seriado]. Direção de Charles Martin. Roteiro: Malcolm Campbell e Bryan Elsley. Bristol: Company Pictures; Storm Dog Films, 2009. (45 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.netflix.com/watch/70138671?trackId=14170289&tctx=2%2C0%2Cb3980f37-1f41-4253-af5a-461a4946358a-38437376%2C48757d1d-5cc9-4eee-b2ac-f5938710519f_7208430X3XX1646271419742%2C48757d1d-5cc9-4eee-b2ac-f5938710519f_ROOT%2C%2C%2C. Acesso em: 2 mar. 2022.

KERTZNER, Robert M.; MEYER, Ilan H.; FROST, David M. Social and psychological well-being in lesbians, gay men, and bisexuals: The effects of race, gender, age, and sexual identity.. **American Journal Of Orthopsychiatry**, [s.l.], v. 79, n. 4, p.500-510, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1037/a0016848>. Acesso em: 28 set. 2020.

LANNUTTI, Pamela J.; DENES, Amanda. A Kiss Is Just a Kiss?: comparing perceptions related to female-female and female-male kissing in a college social situation. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 49-62, jan. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2012.645716>. Acesso em: 21 out. 2020.

LAUZEN, Martha M.. **Boxed In 2015-16**: women on screen and behind the scenes in television. San Diego: Center For The Study Of Women In Television & Film, San Diego State University, 2016. 18 p. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/files/2015-16-Boxed-In-Report.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

MACKAY, Jenna; ROBINSON, Margaret; PINDER, Sarah; ROSS, Lori E.. A grounded theory of bisexual individuals' experiences of help seeking. **American Journal Of Orthopsychiatry**, [S.L.], v. 87, n. 1, p. 52-61, 2017. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/ort0000184>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/2016-21967-001>. Acesso em: 28 set. 2020.

MAGRATH, Rory; CLELAND, Jamie; ANDERSON, Eric. Bisexual erasure in the British print media: Representation of Tom Daley's coming out. **Journal of Bisexuality**, v. 17, n. 3, p. 300-317, 2017.

MARTELL, Christopher R.; SAFFREN, Steven A.; PRINCE, Stacey E.. **Cognitive-behavioral Therapies with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients**. New York: The Guilford Press, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=XwpurC_ZNJ0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 dez. 2019.

MATSUDA, Win T.; ROUSE, Steven V.; MILLER-PERRIN, Cindy L.. Validation of the Attitudes Regarding Bisexuality Scale: correlations with ratings of a positive media image of bisexual men and women. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 265-276, 3 abr. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2014.903219>. Acesso em: 07 out. 2020.

MCLEAN, Kirsten. Hiding in the closet? **Journal Of Sociology**, [S.L.], v. 43, n. 2, p. 151-166, jun. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1440783307076893>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1440783307076893>. Acesso em: 24 set. 2020.

MOHR, Jonathan J.; ROCHLEN, Aaron B.. Measuring attitudes regarding bisexuality in lesbian, gay male, and heterosexual populations. **Journal Of Counseling Psychology**, [S.L.], v. 46, n. 3, p. 353-369, jul. 1999. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.46.3.353>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-0167.46.3.353>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MOHR, Jonathan J.; JACKSON, Skyler D.; SHEETS, Raymond L.. Sexual Orientation Self-Presentation Among Bisexual-Identified Women and Men: patterns and predictors. **Archives Of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 46, n. 5, p. 1465-1479, 8 ago. 2016. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-016-0808-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0808-1>. Acesso em: 24 set. 2020.

OCHS, Robyn. What is bisexuality? In. OCHS, Robyn; ROWLEY, Sarah E. (org.). **Getting bi: Voices of bisexuals around the world**. Boston, MA: Bisexual Resource Center, 2005. p. 7-15.

ONS. **Sexual orientation, UK**. Reino Unido, 2019. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/people-populationandcommunity/culturalidentity/sexuality/datasets/sexualidentityuk>. Acesso em: 6 nov. 2021

OSWALD, Flora; MATSICK, Jes L.. Examining Responses to Women's Same-Sex Performativity: perceptions of sexual orientation and implications for bisexual prejudice. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], p. 1-39, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2020.1820420>. Acesso em: 15 out. 2020.

PACHANKIS, John E. et al. LGB-affirmative cognitive-behavioral therapy for young adult gay and bisexual men: A randomized controlled trial of a transdiagnostic minority stress approach.. **Journal Of Consulting And Clinical Psychology**, [s.l.], v. 83, n. 5, p.875-889, out. 2015. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/ccp0000037>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-30204-001>. Acesso em 12 dez. 2019.

PACHANKIS, John E.; COCHRAN, Susan D.; MAYS, Vickie M.. The mental health of sexual minority adults in and out of the closet: a population-based study.. **Journal Of Consulting And Clinical Psychology**, [S.L.], v. 83, n. 5, p. 890-901, out. 2015. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/ccp0000047>. Disponível em: <https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fccp0000047>. Acesso em: 24 set. 2020.

_____. Uncovering Clinical Principles and Techniques to Address Minority Stress, Mental Health, and Related Health Risks Among Gay and Bisexual Men. **Clinical Psychology: Science and Practice**, [s.l.], v. 21, n. 4, p.313-330, dez. 2014. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/cpsp.12078>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/cpsp.12078>. Acesso em 21 ago. 2020.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Indicadores de bem-estar subjetivo e saúde mental em mulheres de diferentes orientações sexuais. **Psico**, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p.1-13, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/31616>. Acesso em 12 dez. 2019.

PENG, Altman Yuzhu. Amplification of regional discrimination on Chinese news portals: An affective critical discourse analysis. **Convergence**, v. 27, n. 5, p. 1343-1359, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1354856520977851>. Acesso em 09 mar. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. **A survey of LGBT Americans**. Washington: Pew Research Center, 2013. Disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2013/06/13/a-survey-of-lgbt-americans/>. Acesso em 14 dez. 2019

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs: Journal Of Women In Culture And Society**, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-661, 1980. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/493756>. Acesso em: 07 dez. 2020.

RICHTER, Nicole. Ambiguous Bisexuality: The Case of A Shot at Love with Tila Tequila. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 121-141, 24 fev. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2011.545316?journalCode=wjbi20>. Acesso em: 22 out. 2020.

_____. Bisexual Erasure in 'Lesbian Vampire' Film Theory. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 273-280, abr. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2013.780198>. Acesso em: 16 nov. 2021.

ROBERTS, Tangela S.; HORNE, Sharon G.; HOYT, William T.. Between a Gay and a Straight Place: Bisexual Individuals 'Experiences with Monosexism. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], v. 15, n. 4, p.554-569, 2 out. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2015.1111183>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2015.1111183>. Acesso em 12 dez. 2019.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 32. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020. 688 p.

RUST, Paula C.. **Bisexuality and the challenge to lesbian politics: Sex, loyalty and revolution**. New York: University Press, 1995.

SAN FILIPPO, Maria. The “Other” Dreamgirl. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 7, n. 1-2, p. 13-49, jan. 2007. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/j159v07n01_03. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J159v07n01_03. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. **The B word: Bisexuality in contemporary film and television**. Indiana University Press, 2013.

SAN FRANCISCO HUMAN RIGHTS COMMISSION LGBT ADVISORY COMMITTEE. **Bisexual invisibility: Impacts and recommendations**. San Francisco, 2011. Disponível em: https://sf-hrc.org/sites/default/files/Documents/HRC_Publications/Articles/Bisexual_Invisibility_Impacts_and_Recommendations_March_2011.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

SHEARER, Annie; HERRES, Joanna; KODISH, Tamar; SQUITIERI, Helen; JAMES, Kiera; RUSSON, Jody; ATTE, Tita; DIAMOND, Guy S.. Differences in Mental Health Symptoms Across Lesbian, Gay, Bisexual, and Questioning Youth in Primary Care Settings. **Journal Of Adolescent Health**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 38-43, jul. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1054139X16000525>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SHUSTER, Rebecca. Beyond defense: Considering next steps for bisexual liberation. In: KA’AHUMANU, Lani; HUTCHINS, Lorraine (org.). **Bi any other name: Bisexual people speak out**. Boston, MA: Alyson, 1991. p. 266-274.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

STUBER, Jennifer; MEYER, Ilan; LINK, Bruce. Stigma, prejudice, discrimination and health. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 67, n. 3, p. 351-357, ago. 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4006697/#R36>. Acesso em: 16 mar. 2022.

TUCHMAN, Gaye. The symbolic annihilation of women by the mass media. In: **Culture and politics**. New York, St. Martin's Press, 2000. p. 150-174.

VALKENBURG, Patti M.; PIOTROWSKI, Jessica Taylor. **Plugged In: How Media Attract and Affect Youth**. New Haven: Yale University Press, 2017. 328 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=LyaMDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 dez. 2019.

WANDREY, Rachael L.; MOSACK, Katie E.; MOORE, Erin M.. Coming Out to Family and Friends as Bisexually Identified Young Adult Women: A Discussion of Homophobia, Biphobia, and Heteronormativity. **Journal Of Bisexuality**, [s.l.], v. 15, n. 2, p.204-229, 3 abr. 2015. Informa UK Limited. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2015.1018657>. Acesso em 12 dez. 2019.

WHAT'S Sex Got to Do with It?. **Sex and the City** [seriado]. Direção de Allen Coulter. Produção de Antonia Ellis, Jane Raab, Sarah Jessica Parker. Roteiro: Nicole Avril. New York: Darren Star Pro-

ductions, Warner Bros. Television, HBO Original Programming, 2001. (27 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://play.hbomax.com/episode/urn:hbo:episode:GVU4PbgEIV7DwvwIAb46>. Acesso em: 23 nov. 2021.

YOST, Megan R.; MCCARTHY, Lauren. Girls Gone Wild? Heterosexual Women's Same-Sex Encounters at College Parties. **Psychology Of Women Quarterly**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 7-24, 22 set. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0361684311414818>. Acesso em: 21 out. 2020.